

28

for the Record
Mensageiro de N.S. Menina

Ano II

Janeiro de 1942

Num. 21

I-339-3-A

Bm 11736-6

Inserir



BN
1 339
3 36

Royal Exchange
FUNDADA EM 1720
Assurance
COMPANHIA INGLEZA DE SEGUROS
TERRESTRES E MARITIMOS

Companhia Paulista de Seguros
FUNDADA EM 1906
COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS
TERRESTRES, MARITIMOS E ACIDENTES

Legal and General
FUNDADA EM 1836
Assurance Society
COMPANHIA INGLESA DE SEGUROS

**3 SOLIDISSIMAS
COMPANHIAS DE SEGUROS
REPRESENTADAS NO RIO POR
MURRAY, SIMONSEN & C. LTDA**

Mensageiro de N.S. Menina

ANO II

RIO DE JANEIRO — JANEIRO DE 1942

N. 21

Redação e Administração: Capela de N. S. Menina — RUA OTO DE ALENCAR, 20 — FONE 28-7823.

Escritório: RUA DA CONSTITUIÇÃO, 10-1.º and. — FONE 22-7368

DIRETOR: DOM CARLOS DUARTE COSTA (Bispo de Maura)

A mais inocente de tôdas as artes

A agricultura é tão antiga como o mundo. E' de instituição divina, como nos diz o Eclesiástico: "Não aborreças as obras laboriosas, nem o trabalho de cultivar o campo, que foi criado pelo Altíssimo".

Tôdas as artes liberais ou mecânicas são de instituição humana, foram inventadas pelos filhos de Caim, mais de duzentos anos depois da criação do mundo; e parece, mesmo pelo abuso que os homens delas fizeram, que conservam alguma malícia de seus primeiros inventores. E' o que presenciámos nos tristíssimos quadros da Europa e da Ásia, de acôrdo com os noticiários dos Rádios e Jornais. A agricultura, não! Ela participa da excelência, universalidade, duração, utilidade e santidade das obras de Deus. "Ele pôs o primeiro homem em um jardim delicioso, para que o cultivasse". E, mais tarde, depois da sua desobediência, quando a agricultura, em vez de lhe ser um agradável passatempo, foi uma pena, um castigo, uma expiação, em que, sem dúvida, devia achar a vida, sua vida material e moral, a agricultura tornou-se tal por uma sentença saída da boca de Deus: *In sudore vultus tui vivescens pane*, isto é, *ganharás o teu pão com o suor do teu rosto*.

A agricultura, porém, teve também a sua heresia, que a Igreja se viu na necessidade de perseguir e condenar. Sim, no quarto século, Fausto atreveu-se acoimar de ímpia a agricultura e fazer de todos os lavradores uns assassinos porque, dizia elle, tudo vive na natureza e o lavrador, cortando as suas messes colhendo as suas uvas, suas maçãs, suas pêras e outros frutos, priva-os da vida. Este herege foi flagelado, como merecia, pela mais fina ironia do grande Agostinho, que chamava á agricultura a mais inocente de tôdas as artes: *Artium omnium innocentissima*.

A agricultura é também a mais honrosa das artes.

Os primeiros homens e os melhores entre elles, como Adão, Abel, Lè, Noé, Abraão, Isaac e Jacó,

foram lavradores. Depois do dilúvio, Noé, que a Sagrada Escritura chama lavrador, *vir agricola*, continua as tradições e completa-a, juntando-lhe a cultura das vinhas, de sorte que não só por sua utilidade, mas por sua origem, o lavrador sobrepuja o cultivador das vinhas.

O rei Saul e seus sucessor Davi, tinham sido primeiramente pastores. A antiga Roma ia buscar os seus primeiros reis e generais na lavoura, a tal ponto, nos diz Plínio, que a terra assim cultivada pelas mãos dos mesmos imperadores parecia feliz e ufana de ser lavrada por um arado laureado e um lavrador triunfante: *Vomera laureato et triumphali aratore*. E a Igreja algumas vezes foi escolher seus Sumos Pontífices entre os lavradores, tais como Silvério, Adriano, Silvestre e outros inferindo daí os antigos que a vida campestre era um aprendizado para a arte de governar os homens e chamavam irmã da arte de guardar os rebanhos: *Sorores quaedam sunt partura, et regni administratio*, como dizia S. Basílio.

A agricultura é a mais excelente e a mais útil de tôdas as artes.

O lavrador sustenta a pátria e a defende, não tendo menos coragem do que os soldados no campo de batalha, tirando do grande Aristóteles esta sentença: "a agricultura é a arte mais justa e conforme á natureza humana; serve muito para fortalecer o corpo, como a alma e, enquanto as outras artes os enervam e aviltam, ella que não se exerce senão sob os ardores do sol e pelos mais rudes trabalhos, habitua assim o cidadão a arrostar os ataques do inimigo." E a Igreja e o Estado se conformam com o grande filósofo, quando este diz: "O melhor povo é o que se compõe de lavradores, porque, enquanto trabalham para ganhar o seu pão, não pensam em cubiçar o alheio, considerando-se mais felizes lavrando seus campos do que ocupando posições no govêrno da

república". E Cicero dizia: "de todos os meios que temos para adquirir alguma coisa, não ha outro melhor que a agricultura, nem mais agradável e digno de um homem livre".

Brasileiros: O nosso solo é rico, si amamos a nossa pátria, os nossos olhares se dirijam para os campos, quando a pátria exige que todos cumpram o seu dever, para que da contingência dos atuais acontecimentos mundiais o Brasil saia grande dentro do papel que terá de desempenhar. Como no passado, o presente nos convida a fazer respeitado o Brasil e, enquanto a mocidade é chamada a desempenhar a missão própria dos anos, aqueles que ficam na retaguarda, obrigados por circunstâncias alheias á vontade, manifestem todo o seu patriotismo cuidando para que nada falte aos defensores da liberdade dos povos americanos.

Todos a postos na fogueira do sol a sol dos campos, enquanto a mocidade se sujeita ás balas, aos canhões, ás granadas, na legítima defesa d'este grande patrimônio que nos foi legado pelos nossos antepassados e que se chama: CIVILIZAÇÃO CRISTÃ!

Descrição de um Nariz

(Sátira)

Gregório de Matos

Nariz de embono,
Com tal sacada,
Que entra na escada
Duas horas primeiro que seu dono.

Nariz que fala
Longe do rosto;
Pois na Sé pôsto,
Manda na Praça pôr a guarda em ala.

Membro de olfatos;
Mas tão guardados
Que um rei coroado
O pode ter por copa de cem pratos.

Tão temerário
É o tal nariz
Que por um triz
Não ficou cantareira de um armário.

Você perdõe,
Nariz nefando,
Que eu vou cortando,
E ainda fica nariz em que se assoe.

MENSAGEIRO N. S. MENINA

S. Francisco de Sales



O Verbo feito carne nos manifesta, por sua doutrina, os mistérios da sabedoria divina e, por seus milagres, o seu amor eterno.

S. Francisco de Sales, Doutor da Igreja, participou desta ciência do Verbo Incarnado e operou como Ele, por sua doce caridade, prodígios de conversão. Enviado a prégar a palavra de Deus aos Calvinistas de Chablais, restituiu á fé católica sessenta mil d'esses hereges.

Sagrado Bispo de Genebra e fundador da Ordem da Visitação, irradiou sobre a diocese e essa família religiosa, a influência de seu zelo apostólico e doce santidade.

"Brilhe a vossa luz diante dos homens, afim de que, vendo vossas obras, glorifiquem vosso Pai que está nos céus", nos diz o Evangelho e nós aplicamos essas palavras ao grande Doutor da Igreja.

E' o santo que a todos revelou a bondade de Deus.

"Si houver algum excesso, dizia S. Francisco de Sales, antes seja do lado da doçura".

"Quero amá-lo tanto, êsse querido próximo, quero amá-lo tanto! assim aprouve a Deus fazer meu coração! Ah! quando estaremos todos embebidos na doçura e caridade para com o próximo?"

Dizia Ele: "uma colherada de mel pega mais moscas do que cem barris de vinagre". E ainda é d'Ele esta frase: "O bem não faz barulho e o barulho não faz o bem".

Morreu S. Francisco de Sales em Lião, no ano de 1622.

E' o protetor da boa imprensa.

Resolva Ele no Brasil êste problema tão complicado da imprensa católica, que só terá solução no dia em que todos compreendam que vivemos no mundo, onde vivem a má e a imprensa indiferente. Na balança, temos que colocar num prato os interesses religiosos e no outro os comerciais. Á testa do jornal esteja uma empresa comercial, tal qual têm os demais jornais. Só assim teremos, na realidade, o jornal católico garantido, porque só assim será uma máquina de fazer dinheiro e não de consumir capitais.

Hitler Acima de Cristo

O Arcanjo S. Gabriel disse á Maria:

"Este será grande, e será chamado Filho do Altíssimo, e o Senhor Deus lhe dará o trono de seu pai Davi; e reinará eternamente na casa de Jacó, e o seu reino não terá fim." (S. Luc. 1-32-33).

Palavras anunciadas pelo Arcanjo e mais tarde confirmadas pelo próprio Cristo, quando disse:

"Todo o poder me foi dado no céu e na terra... e eu estarei convosco até á consumação dos séculos." (S. Math. 28-18-20).

Satanaz lutará até ao fim, para arrastar á perdição muitas almas, mas Jesus e a sua Igreja triunfarão sempre.

Em todos os séculos têm surgido lutas, inimigos rancorosos do Cristo têm procurado a ruína completa do reino de Cristo nas almas. Os séculos passaram e com eles os inimigos de Cristo e da sua Igreja. Ruíram impérios e povos inteiros perderam a sua nacionalidade e sobre essas ruínas firmaram-se os alicerces das virtudes evangélicas.

E' que a Igreja é universal e tódá a sua ação parte do Coração do Verbo Incarnado, onde se confundem os dois amores: o da Igreja e da Pátria. E como é belo o amor da Pátria no coração da Espósa do Verbo, que é a Igreja! Essa é a Pátria ideal formada por Deus na criação do universo, tendo sido tudo feito por Deus para a felicidade do homem, dentro de uma legislação imutável, porque divina.

Tristes são os dias em que vivemos e si chegamos a esta anarquia é porque aqueles que governam, arrogam a si uma autoridade que não é sua, querendo ser mais obedecidos que o próprio Deus, sobrepondo á autoridade divina a sua, esquecidos que, *si omnis potestas a Deo*, todavia foram colocados nos altos postos de mando pela vontade popular, para servirem ao povo, embora seja êste obrigado á reverencia porque, uma vez eleitos, recebem a autoridade de Deus.

Estes são os princípios cristãos sobre a autoridade, subvertidos completamente pelo "nazismo", com a tendência para seu aniquilamento.

Engana-se o perturbador da ordem mundial, o Sr. Hitler, porque a ordem social, dentro dos princípios da civilização cristã, se funda no ósculo da justiça com a paz: *Justitia et Pax osculatae sunt*.

E dentro d'esses princípios, S. Santidade o Papa Pio XI, de saudosa memória, desmascarava aquele que passará para a história como o inimigo mais pernicioso da tranquilidade social e mais audacioso por ter pretendido, pelo Nacional Socialismo, ser o Deus do povo alemão.

O "Osservatore Romano", de 13 de Julho de 1938, traz uma gravura que nos enche de verdadeiro nojo.

Trata-se de uma cena passada em Hamburgo:

Tódas as casas embandeiradas; uma grande multidão de povo assiste a uma procissão, que, á primeira vista, parece ser a de Corpo de Deus; um grande andor, tendo em cima um ostensório, cercado de raios de luz; no centro, sobre um fundo branco, aparece, em lugar da Hóstia, a cruz "swástica", simbolo do paganismo nazista; na frente e nos dois lados, marcham homens vestidos quasi como sacerdotes, levando em lugar da capa de asperges, comprido manto, trazendo no peito a cruz gamada; não faltam velas ou tochas, para que o povo adore a cruz de Hitler, á semelhança das procissões eucarísticas; caracteriza o "Osservatore Romano" essa blasfêmia com os seguintes dizeres no cliché: *Aberrações de certas doutrinas-paródia do Santíssimo Sacramento num cortejo, em Hamburgo*.

Fruto terrível do ódio ao Cristo de quem quer estar acima de Cristo.

O endeusamento de Hitler é simplesmente vergonhoso, chegando ao cúmulo o Sr. Schulz, 1.º chefe de grupos dos milicianos da SS. da Pomerânia, de fazer esta declaração: "Não quero ser réu de blasfê-

mia, mas pergunto: Quem será maior, Cristo ou Hitler? Cristo tinha apenas doze apóstolos e êstes mesmos não lhe foram fiéis. Hitler é chefe de um povo de setenta milhões de almas. Não podemos tolerar outra organização com espirito diferente da nossa e aplico a Hitler estas palavras: Eu sou o Senhor, teu Deus; não terás outros deuses, junto a mim."

O insulto á Santíssima Eucaristia nas ruas de Hamburgo foi seguido por insultos ao próprio S. S. Sacramento exposto e a provocações a dois Bispos em oração.

E ainda há católicos, vicentinos, padres e freiras, que pensam em exagero, quando atacamos as abominações do nazismo.

Aqui registamos o importantíssimo documento do Vigário Geral da Diocese de Rottenburg, que dispensa comentários:

"Rottenburg, 25 de Julho de 1938-6237.

Ao Sr. Ministro do Reich para Negócios Eclesiásticos, Berlim.

Assunto: Nova demonstração contra o Bispo Dr. Sproll, em Rottenburg, aos 23 de Julho de 1938. Apêndice ao nosso officio de 17 e 19 de Julho de 1938.

Lamentamos ter que comunicar ao Sr. Ministro para Negócios Eclesiásticos, que as demonstrações contra o Bispo Dr. Sproll, em Rottenburg, com as baixas cenas que as acompanharam, tiveram na noite de 23 de Julho, pela terceira vez dentro de oito dias, uma continuação bem ruim.

Já no correr da tarde, de vários lugares tínhamos recebido notícias que membros das organizações nazistas foram mandados empreender uma viagem á noite, sem indicação do destino que, entretanto, outro não podia ser senão a cidade episcopal de Rottenburg. Em uma das ordens, estava indicada a partida para ás 18 horas, em direção a Tuebingen, á paisana, sendo o regresso, ás vinte e quatro horas, sem despesas.

O círculo de recrutamento dos demonstrantes estendeu-se á distância de 50 quilômetros. A viagem a Rottenburg foi feita, parte de trem, parte de automóvel e ônibus, vendo-se centenas parados nas ruas de Rottenburg.

Quando já não podíamos ter nenhuma ilusão sobre a ação intencional, ás cinco horas da tarde, informamos, por telefone, tanto o "Landrat" de Rottenburg, como a

polícia secreta, de Stuttgart, e, mais tarde, a Promotoria do Estado de Tuebingen, requerendo as necessárias providências de proteção à pessoa e à residência do Bispo.

Nesse interim chega S. Ex. o Sr. Dom Groeber, Arcebispo de Friburgo, que, como Metropolitano da Província Eclesiástica do Reno Superior, é muito chegado ao Bispo de Rottenburg. O Sr. Arcebispo não só mandou comunicar sua chegada ao "Landrat", como falou pessoalmente com ele, por telefone, pedindo as providências indispensáveis para a manutenção da ordem em Rottenburg.

Chegam os membros da demonstração a Rottenburg e formam nos lugares indicados. Marcham em quatro colunas, em número de cerca de 3.000 homens, em direção ao Palácio Episcopal, cantando: A' parede com os pretos! A' parede com os padres! o que foi suficiente para dar a conhecer quais as suas intenções e programa.

Passava das vinte e uma horas, quando teve início a demonstração, com a detonação de bombas de fogo de artifício, seguida de berros entusiasmados, apitos e uivos de sirenas, bem como as habituais ameaças graves e insultos ao Bispo: Tziganos pretos! Traidores do povo! Fora com o patife! como já tivemos ocasião de contar em outro ofício.

Acontecimentos ainda mais graves eram esperados para alta noite, sendo intuito dos manifestantes matar o Bispo, de acordo com testemunhas do ato. Felizmente, as providências tomadas pelo pessoal do Palácio, evitaram que os demonstrantes entrassem em massa, não evitando, contudo, estragos nas janelas e portas, conseguindo os mais audazes penetrar por essas aberturas, em número de 60 ou 70, causando prejuízos nos quartos e outras dependências. Alguns manifestantes entraram no gabinete oficial do Bispo, atirando pela janela, às massas, papéis e documentos, cujo destino deverá ser esclarecido pela polícia.

O incêndio foi evitado por um dos moradores do Palácio, que acudiu ao quarto de onde saía a fumaça de um leito preso em cha-



mas, correndo perigo e arquivo da Cúria. Compete à Promotoria do Estado, já invocada, descobrir o incendiário, responsabilizando-o.

Enquanto estavam se dando esses fatos, o Arcebispo, o Bispo, o Vigário Geral e alguns Cônegos estavam ajoelhados, na Capela do Palácio Episcopal, diante do Santíssimo Sacramento exposto.

O reduzido número de manifestantes invadiram também a Capela, incomodando o Arcebispo em oração, perando-o pela batina e chamando-o de traidor do povo. Tiraram a porta da Capela, encostando-a no corredor. Um dos Cônegos postara-se diante do Santíssimo, para protegê-lo, quando um dos invasores dizia que os pretos tinham que desaparecer da Alemanha, acrescentando um outro: — "Sim, com passagem para Moscou".

Por cerca de um quarto de hora, uns vinte invasores continuaram na Capela, alguns com charuto aceso e com o chapéu na cabeça. Só saíram com a intervenção da Polícia.

A população de Rottenburg está indignadíssima e, durante os acontecimentos, os fiéis rezaram na Catedral, próxima ao Palácio.

Note-se que dos 3.000 manifestantes, nem todos concordavam com as cenas exploráveis que se passaram, e muitos ignoravam para onde iam e qual o fim dessa viagem.

Prestando estas informações, em primeiro lugar, ao Sr. Ministro do Reich para Negócios Eclesiásticos, não podemos deixar de fazer esta pergunta: Como num país civilizado se permitem tais acontecimentos, tais violações do direito, semelhantes atentados contra a tranquilidade individual, prejudicando isso o conceito em que é tido no mundo o povo alemão.

Estas demonstrações produzirão efeito bem contrário ao que desejam os mandantes.

Pedimos, pois, ao Sr. Ministro do Reich para Negócios Eclesiásticos, providenciar para que cessem esses acontecimentos tão tristes, tomando medidas para que o jornal "FLAMMENZEICHEN", de Stuttgart, modere a sua linguagem e observe as leis de imprensa e de educação.

Mandaremos cópia deste ofício, Sr. Ministro, às repartições interessadas do Estado e da Igreja.

DR. KOTTMAN, Vigário Geral."

Os agentes de Hitler que quiseram que os "pretos" comprassem passagem para Moscou, tiveram o seu bilhete carimbado pelo próprio Hitler, mas não chegaram a Moscou !!!...

O BAZAR DO

FERRAGENS, TINTAS, MATERIAIS PARA CONSTRUÇÃO

LOUÇAS, CRISTAIS, OBJECTOS DE FANTAZIA, BRINQUEDOS, TAPEÇARIA, MOVEIS, MALAS, CAMAS, PATENTES, COLCHOARIA E REFORMAS EM GERAL

RUA COPACABANA, 722-724
RUA SANTA CLARA, 71 e 75

J. B. SOARES & C^{da}

Tel. 27-2652 e 27-6069-Rio de Janeiro

— 6 —

Um Milagre em Flandres

Original de KATHERINE BURTON Tradução de F. E. Macedo Andrade.

"Devemos ter paz... Cessai a luta", dizia a misteriosa freira aos soldados inimigos na terra conquistada.

Até então ninguém as havia incomodado em nada. Indubitavelmente porque elas pouco necessitavam e pouco podiam dar. Seja como for, a pequena comunidade de freiras subsistia, celebrava seus ofícios e cumpria com seus deveres religiosos da melhor maneira possível sem a presença de um sacerdote. Havia algum tempo que tinham arrancado o Padre Desmette dali, para levá-lo à prisão, pensavam. Rezavam por ele todos os dias.

Frequentemente, o retumbar dos canhões as surpreendia em meio do trabalho ou da oração. Algumas vezes o zumbido do motor de um aeroplano quebrava a paz do convento. De quando em quando, os vizinhos vinham até o convento para trazer-lhes pão, um pouco de chá ou um punhado de legumes; a maior parte dos dias passavam fome. Mas isso não tinha importância; o mais importante era o retumbar trágico dos canhões, o eco amargo da metralha.

Essa vida de "ocupação" se prolongava desde muito tempo; estavam tão isoladas e sozinhas, que ao ouvir um dia golpes repetidos e impacientes no maciço portão da entrada, sentiram-se mais surpreendidas que assustadas. A Irmã Marie Jeanne, que há vários meses não tinha ocasião de cumprir com seus deveres de porteira, acudiu a atender ao chamado, pressurosa, no coração cantando a louca esperança que nenhuma delas se atrevia jamais a expressar em voz alta: talvez a Bélgica estivesse livre outra vez!

Recomeçaram as pancadas impacientes ao correr ela o pesado ferrólho; recuou, avistando através do portão meio entreaberto, dois homens altos e louros, vestidos com o uniforme do inimigo.

— Abram, abram imediatamente! — exigiu um deles em mau francês. Porém, quando a Irmã Marie Jeanne obedeceu, nem ele e nem seu companheiro fizeram menção de entrar.

— Chame a pessoa que dirige isto — ordenou.

A Irmã Marie Jeanne inclinou a cabeça, aquiescendo.

— Um momento! Vou chamar a Madre Superiora.

Momentos depois a Madre Superiora defrontava os dois homens.



— Posso ser útil em alguma coisa, senhores?

A Irmã Marie Jeanne estremeceu, subitamente apreensiva. Por que, ainda que diante de Deus, de seus superiores e de seus inferiores, a Madre Marie Cecile se mostrasse humilde e doce, essa humildade desvanecia-se, tratando-se de sua pátria muito amada. Jovem, e antes de ingressar na ordem religiosa, vivera nos mais altos círculos sociais, onde fora soberbamente conhecida pela independência de suas idéias e sobretudo pelo seu imenso amor à Bélgica, amor tão grande, que ainda agora, sendo serva de Deus, afastada do mundo, e quando uma palavra podia significar a morte, não vacilaria talvez em pronunciá-la.

— Sim, minha senhora — replicou o oficial, cortesmente — Peça-lhe que ordene à essa sua freira que se mantenha afastada de nossas linhas.

Os olhos castanhos de Madre Marie Cecile se arregalaram e o espanto se refletiu neles.

— Nenhuma Irmã deste convento jamais se aproximou das linhas... — replicou com certa aspereza. — Pertencemos à Ordem das Carmelitas. Além disso, eu não mandaria, nestes momentos, minha comunidade percorrer a aldeia... ou o que resta dela...

O rosto do oficial adquiriu um ar de estranheza.

— Atrave-se a sustentar que nenhuma de suas freiras foi enviada às nossas linhas para causar distúrbios?

— Para causar distúrbios? Que fez ela, senhor?

— Aproxima-se, ora de um, ora de outro de nossos homens e lhe diz que devemos fazer a paz; fala-lhes de

Deus, do amor ao próximo e intimamente a largar as armas... e isso a um homem que defende valorosamente sua pátria!

As delicadas sobranceiras de Madre Marie Cecile se curvaram ligeiramente.

— Porém... como é que ainda não a prenderam?

O oficial soltou uma risada breve.

— É demasiado esperta: desaparece antes que possamos chegar a seu lado. Mas ainda que seu conhecimento da região lhe permitia enganar-nos constantemente, prendê-la-emos um dia. Entrementes, procure manter suas freiras no convento. Uma mulher, possivelmente uma demente, ronda pelos arredores e aconselha nossos homens que cessem a luta e façam a paz... Nenhum comando suportaria semelhante intromissão!

Madre Marie Cecile inclinou a cabeça. Ergueu-a e filou novamente o inimigo, os lábios apertados.

O oficial bateu os calcanhares, fez a saudação militar e se afastou. O soldado seguiu seu exemplo.

Madre Marie Cecile acompanhou-os por um momento, com o olhar.

— Não é possível — murmurou. — Reuna a comunidade, irmã — pediu a irmã Marie Jeanne.

Quando todas estiverem reunidas, contou-lhe o acontecido.

— Isso me preocupa, minhas filhas — observou-as uma a uma com seu olhar doce e protetor e que elas conheciam tão bem. — Estou convicta de que isso deve fazer parte de algum plano para enxotar-nos daqui ou enviar-nos à prisão. Entretanto, nada podemos fazer, exceto o esperar... esperar e rezar. Confieemos em Deus... confieemos em que nossas orações trarão logo a paz sobre nossa terra.

(Continua no próximo número)

"Luxor-Salão"

Luis e Maria
Cabeleireiros

RUA MIGUEL LEMOS
25 A

Fone 47-2211



São Sebastião



Abraçara São Sebastião a carreira das armas, porque via nela grande possibilidade de fazer bem ao seu próximo.

Dada a sua posição de família e a sua habilidade, facilmente, chegaria aos postos mais elevados, onde tornar-se-ia protetor dos seus irmãos na fé, naqueles dias de perseguição por que passava a Igreja de Cristo.

Conhecedor dos projetos dos perseguidores, ele poderia prevenir seus irmãos na fé e, sob pretexto de inspecionar o serviço, confortava-os nos cárceres e encorajava-os, preparando-os ao martírio.

Convertiu inúmeros idólatras que, batizados, mereceram a coroa do martírio.

Capitão dos guardas de Diocleciano, foi tão discreto que ninguém supôs ser ele cristão.

Atleta de Cristo, aguardava com ansiedade a hora de dar a sua vida pelo Cristo, Filho do Deus vivo, que ele tanto amava.

Exato cumpridor dos seus deveres, denunciado ao Imperador Diocleciano, revoltado contra aqueles que quiseram obrigá-lo a adorar a Júpiter, Marte e Esculápio, publicamente confessou a sua fé, dizendo que: *adorava o único e verdadeiro Deus e a seu Filho, Nosso Senhor Jesus Cristo.*

A fé não destrói as qualidades naturais, mas as eleva e fortifica, não passando de hipócritas e fariseus aqueles que se curvam diante dos poderosos da terra, para conservar uma posição transitória, com detrimento do seu caráter. A fé educa o caráter e, quando os Superiores não querem ouvir a ninguém e tomam como insulto a linguagem franca, confundindo os verdadeiros amigos com os bajuladores, iníquos, a virtude torna-se vício e o vício virtude.

O grande mal do mundo atual é esse: *Não se pode discordar daqueles que têm autoridade, embora eles estejam errados. Perseveram no erro, não somente, mas perseguem aqueles que ousaram ter opinião diferente da sua.*

E' o puro nazismo! O puro fascismo!

Diocleciano, irritado, entregou Sebastião, que o havia defendido, montando guarda tantas vezes ao seu palácio, aos seus soldados, e deu ordem fosse amarrado a um pau e varado por flechas.

MENSAGEIRO N. S. MENINA

Uma piedosa mulher, de nome Irene, obteve licença para sepultá-lo, encontrando, porém, Sebastião ainda vivo, levou-o para sua casa, medicou suas chagas e curou-o.

O glorioso cavaleiro de Cristo tinha que ser mártir duas vezes.

Os cristãos que vinham visitá-lo, pediam-lhe que se escondesse. Isso, porém, era contrário ao seu caráter, seu ardor e zelo.

Assim sendo, depois de pedir o auxílio do alto, apresentou-se em palácio ao Imperador, reprovou corajosamente a injustiça cometida com a perseguição aos cristãos, seus súbditos mais fiéis e devotos. Surpreendido o Imperador e não querendo aceitar a intervenção divina na conservação da vida de Sebastião, sujeitou-o novamente ao martírio.

E' o protetor glorioso desta cidade do Rio de Janeiro, libertada da peste por sua intercessão, e que através dos séculos vem garantindo a salvação eterna das almas deste Brasil, onde não existe um lugarejo que não tenha na sua humilde capelinha um altar ou uma imagem do valente soldado de Cristo, que, na atualidade, alcançará de Nosso Senhor homens de caráter, com sentimentos cristãos iguais aos seus para a grandeza desta terra, de onde é necessário sejam varridos os hipócritas e fariseus.

MODA DE HOJE

COUTINHO

Aceita-se também o tecido para confecção

ALFAIATE

Uruguaiana, 96 Fone: 43-6053

Colégio Pan-Americano

Internato e Externato
(Oficializado)

Professorado competente — Preço para todas as posses — Educação e instrução esmeradas — ÓTIMO CLIMA.

CURSOS: Primário, Admissão, Artes femininas. Concursos do D.A.S.P.

PROCURADORIA: Nosso "Escritório Técnico Educacional" incumbe-se de preceptorar estudantes cujos pais não estejam no Rio; fazer matrículas ou transferências para qualquer escola; responder consultas s/ensino; registrar, validar ou regularizar diplomas; legalizar colégios e professores, tudo mais que se relacione com o ensino.

Pensionato: Recebemos ginásianos em pensionato.

RUA MIGUEL FERNANDES, 44 - Méier
Tel. 29-1155 — Rio de Janeiro

Para que todo o Brasil Saiba...

Resenha dos fatos mais importantes — NOSSO COMENTÁRIO

Desde o dia 15 de Janeiro, está instalada, nesta Capital, a Terceira Reunião de Consulta dos Ministros das Relações Exteriores das Repúblicas Americanas.

E, sem dúvida, um acontecimento histórico de alta repercussão mundial, pelas deliberações que deverão ser tomadas em comum e com a mais estreita cooperação de todos os países do Continente Americano, na defesa do hemisfério.

O Decreto Governamental, nomeando Presidente Provisório da grande assembléia dos Chanceleres o nosso Ministro das Relações Exteriores, Dr. Oswaldo Aranha, teve, na primeira sessão de abertura, a confirmação unânime e os aplausos de todas as nações americanas.

Ferida toda a América na sua irmã — Os Estados Unidos da América — numa agressão traiçoeira, esse golpe foi dado em toda a família americana e a América, unida, dará o castigo, punindo o covarde invasor, que só deste modo poderia tirar vantagem numa luta, que será de completo extermínio do Japão.

O discurso de abertura dessa reunião, pronunciado pelo Presidente Getúlio Vargas, é uma página da história contemporânea, que honra o Continente Americano.

Eis como falou o Presidente:

"Senhores ministros delegados, Meus senhores: E honra insigne concedida ao Brasil e a seu Governo a escolha desta capital para a Terceira Reunião de Consulta dos Ministros das Relações Exteriores das Repúblicas Americanas.

Ao convencionarem os países do Novo Mundo, na Conferência de Consolidação da Paz, celebrada em Buenos Aires, em 1936, a convite do grande estadista presidente Franklin Roosevelt, o sistema de consultas e conversações — ou melhor de conselhos de família — não julgávamos viesse a instituição, filha do nosso ardente anseio de harmonia, de trabalho enjugado e produtivo, ser posta a prova em futuro tão próximo e tão reiteradamente.

No entanto, num lustro, é a terceira vez que os superiores interesses dos nossos povos nos convocam.



Presidente Getúlio Vargas

Três anos decorridos da memorável assembléia da capital platina, o conflito irrompido na Europa nos reunia no Panamá.

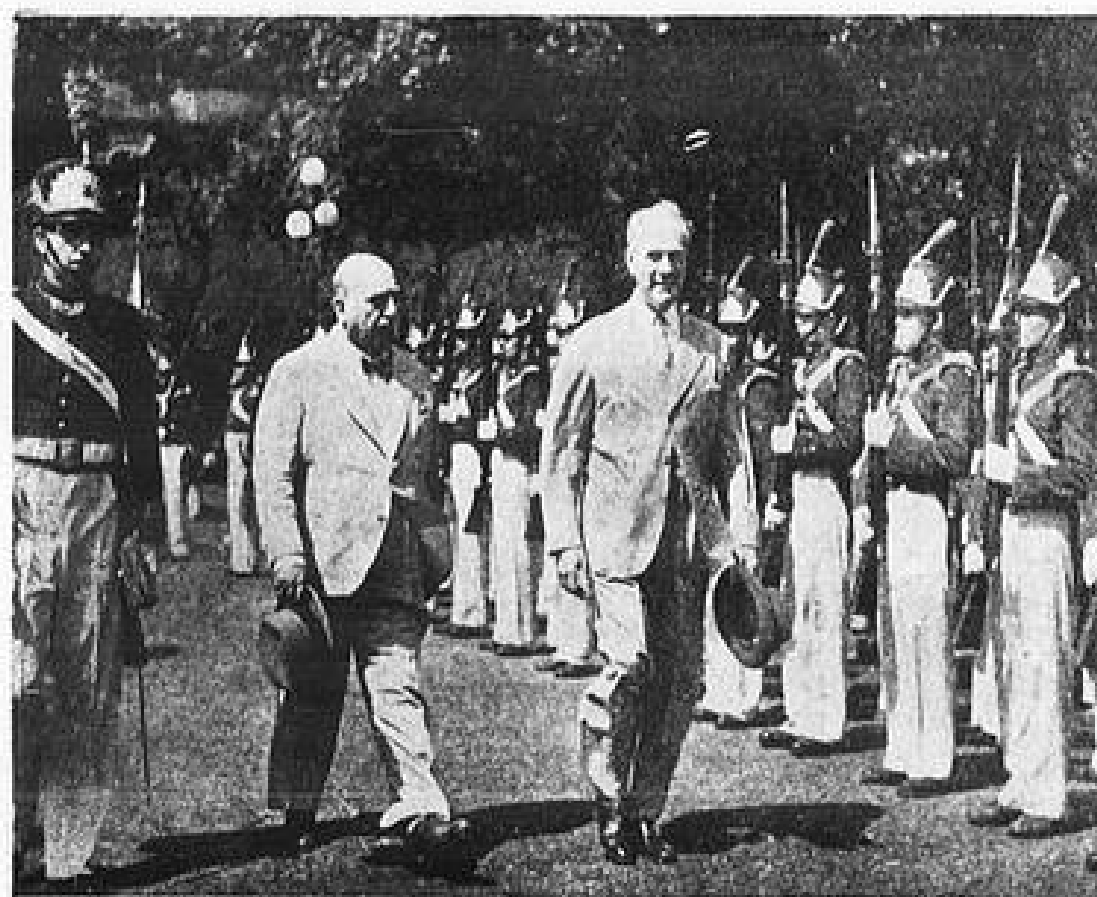
Já então, sem intuito de agravo a quem quer que seja, nos havíamos vinculado todos pela Declaração de Lima, instrumento de excepcional expressão, porque não representa o fruto amargo de injunções difíceis, mas o honesto reconhecimento de condições perfeitas de solidariedade e colaboração, baseada no respeito aos princípios do direito internacional, na unidade espiritual, na decidida vocação pacifista, nos sentimentos de humanidade e tolerância dos que o subscreveram. E os propósitos de concórdia, que deram vida ao notável documento não nos abandonaram.

Nas deliberações da primeira assembléia de chanceleres fixamos as normas da nossa conduta em face da guerra, que se estendia aos caminhos marítimos do Continente e lhe afetava vitais interesses.

Sucessos posteriores, perigos próximos, acontecimentos novos de alcance mundial determinaram outra reunião — a de Havana — assinalada por duas resoluções de alta importância: de assistência recíproca e cooperação defensiva e a que prevê o destino e a administração provisória de territórios situados neste hemisfério e sob domínio de países não-americanos.



Presidente Roosevelt.



Flagrante da chegada do Chanceler do Uruguai, Alberto Guani.

Em dezembro de 1941, por força de alianças ofensivas, tipo de ocasião felizmente desconhecida na América, o conflito — nascido das contradições europeias e já alastrado à Ásia e à África — assumia o aspecto de conflagração geral e tornava-se uma ameaça às nossas soberanias.

A agressão aos Estados Unidos, no oceano Pacífico, a que se seguiu a declaração de guerra da Alemanha e da Itália ao grande país amigo, tinha, necessariamente, de agrupar-nos ainda uma vez.

Aqui estamos, portanto, representantes soberanos da família americana de pátrias livres e amantes da paz, para reafirmar à nação bruscamente atacada a nossa solidariedade unânime e resolver, com prudência e decisão, o que convier à segurança e à proteção dos nossos povos.

O programa desta terceira Conferência elaborado por uma comissão ilustre de homens públicos afeitos ao trato dos problemas comuns, dita a ordem das questões a regular, atribuindo às de defesa a primazia que não podem deixar de ter.

A esse respeito a firme atitude e a conduta do Brasil são conhecidas e claras.

Desde 7 de dezembro — data que constituirá um marco novo na vida das nossas comunidades, pois trouxe a guerra ao Continente americano — assumimos posição decidida, coerente com a nossa tradicional política externa e fiel aos compromissos solenes, relembrados e reafirmados mais de uma vez nos últimos tempos.

E propósito dos brasileiros defender, palmo a palmo, o próprio território contra quaisquer incursões e não permitir possam as suas terras e águas servir de ponto de apoio para o assalto a nações irmãs. Não mediremos sacrifícios para a defesa coletiva, faremos o que as circunstâncias reclamarem e nenhuma medida deixará de ser tomada afim de evitar que, portas a dentro, inimigos ostensivos ou dissimulados se abriguem e venham a causar dano, ou pôr em perigo a segurança das Américas.

A segunda parte da agenda dos vossos trabalhos, senhores, cogita reforçar as bases e aperfeiçoar os métodos de colaboração econômica.

Ao ponderarmos as forças de produção do Continente, verificamos ser total a nossa auto-suficiência. Desde o mais moderno equipamento técnico industrial às riquezas do subsolo, de utilidade para a paz e a guerra, à cultura agrária científica de alto rendimento, nada falta. A distribuição equitativa das tarefas é o que nos incumbe estabelecer. E devemos fazê-lo em condições permanentes, visando não apenas a duração do choque atômico, mas o regresso a uma paz justa para todo o mundo.

Não nos bastará, a nós povos de tendências pacíficas, com enormes encargos construtivos a desempenhar, uma solidariedade passageira, em momento de perigo. Para alicerçar o engrandecimento futuro é preciso fortalecer os laços de amizade e criar, pela prática estreita da cooperação econômica e cultural, condições duradouras de prosperidade para as nossas populações, e, com isso, ajudar a se refazerem as nações fgeladas pela guerra.

MENSAGEIRO N. S. MENINA

O Continente americano — que não tem contradições irreduzíveis, entende-se em quatro idiomas facilmente acessíveis a todos os seus habitantes, conserva tradições cristãs comuns, idênticas raízes políticas e interesses que se ajustam — tudo pode fazer para organizar a mais sólida e poderosa aliança de nações livres e soberanas que jamais conheceu a história da humanidade.

Pelo nosso exemplo, pelo nosso fervor em realizar o que foi uma antecipação genial da visão política de Bolívar, poderemos contribuir para restabelecer o equilíbrio do mundo, e mostrar que erram todas as filosofias, todas as doutrinas, todas as ideologias do ódio e da separação, da luta e da violência.

Levar as pátrias americanas a criarem formas novas e estáveis de convivência, sem excluir ou malar peculiaridades e tradições, é um ideal que nos merece sacrifícios presentes e futuros.

Excelências: Sede bemvidos. O Brasil vos saúda, honrado de hospedar, em momento tão grave, os mensageiros de vinte nações ligadas por um perfeito espírito de fraternidade, e deseja ardentemente ver esboçada de êxito a missão que vos trouxe. Nenhum esforço pouparão o seu Governo e o seu povo para que as aspirações e propósitos comuns, convertidos em regras e conselhos, sejam respeitados e concorram para preservar a civilização e tornar a existência humana mais segura, mais digna e feliz".

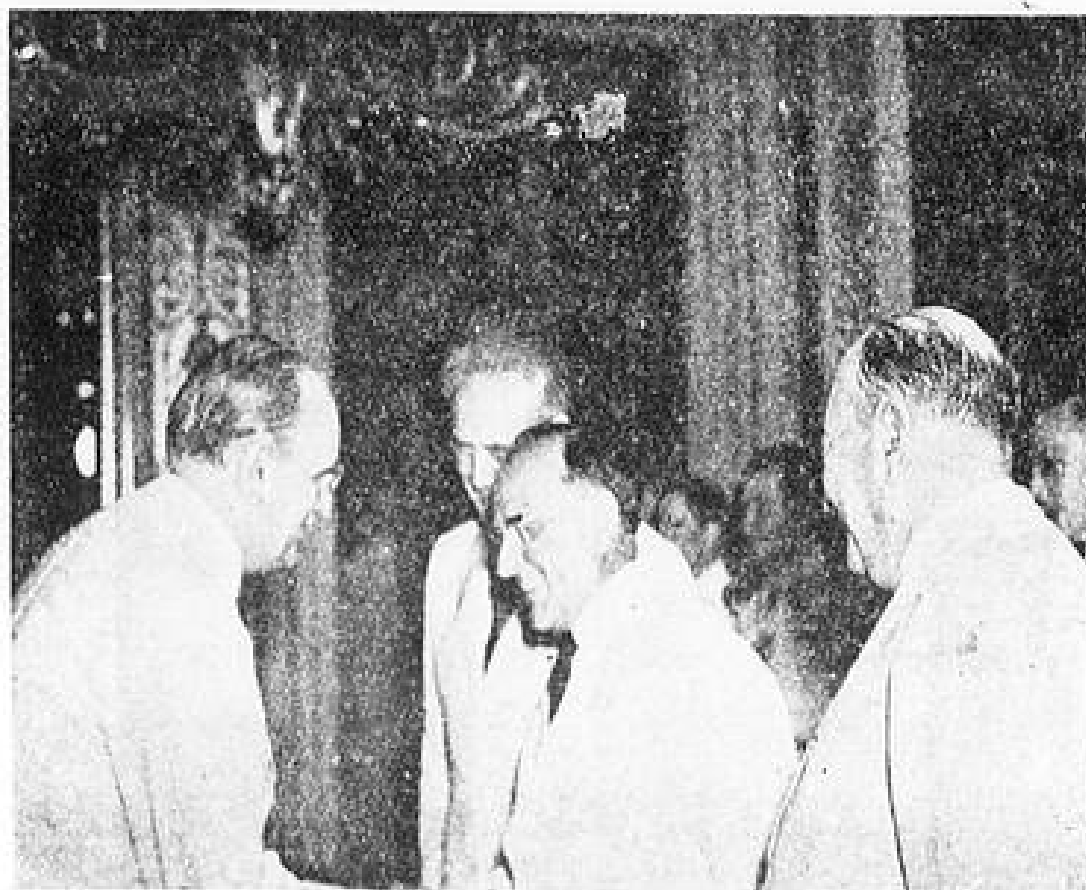
O momento que atravessamos é dos mais sérios nos destinos da humanidade, porque está em jogo tudo o que temos de mais sagrado, tudo o que levamos séculos a construir. Não é possível que a arrogância do nazismo, fascismo, falangismo e militarismo japonês, venha destruir um passado de ideais sagrados.

O povo da Capital da República, aplaudindo o Exmo. Sr. Presidente da República e a passagem dos Chanceleres das Repúblicas Americanas, manifesta todo o repúdio às nações totalitárias e está a exigir da grande assembleia, presentemente reunida, deliberações que afugentem de toda a América os inimigos do panamericanismo, que são os inimigos da civilização cristã.

E por isso que o nosso Chanceler, Oswaldo Aranha, ao agradecer a honra insigne da presidência efetiva da Conferência, assim se manifestou:

"Senhores ministros, meus senhores — Agradeço a honra de minha escolha, graças à generosa proposta do meu eminente colega da Bolívia, para presidir a III.ª Reunião de Consulta dos Chanceleres Americanos. Sou profundamente reconhecido por esta distinção pessoal e pela oportunidade que, assim, meus colegas oferecem ao Brasil, em hora tão grave e de tarefa tão difícil, para reafirmar sua histórica devoção panamericana e prestar novos serviços à Causa Continental.

Nunca o encontro entre homens responsáveis pela direção da política exterior dos nossos países foi mais útil do que neste momento, cuja importância para os destinos americanos transcende a de todos os demais períodos da vida da América.



No Catete, apresentação dos Delegados à Conferência dos Chanceleres

Emancipar mais uma vez a América

Os acontecimentos últimos vieram impor, por forma irrecusável aos povos americanos, em meio das transformações violentas que se processam na sociedade mundial, a missão de mais uma vez emancipar a América.

As responsabilidades nossas nunca foram tão grandes, porque os destinos de nossos povos jamais foram ameaçados como nestes trágicos tempos em que estamos procurando sobreviver.

A América, como tenho proclamado, nunca foi nem poderá ser fonte de lutas ou de guerras, mas inspiração perene de bem-estar para os povos.

O panamericanismo nunca foi um fim continental, mas um todo político, um meio de atingirmos finalidades mais amplas, porque universais.

A Humanidade próspera, pacífica e feliz foi, é e será a suprema aspiração dos americanos.

Um meio termo entre os extremos, a América

A América veio no século XVI, providencialmente, favorecer a solução dos problemas mundiais, porque entre o Oriente e o Ocidente representou sempre o meio termo entre os extremos.

Terra da hospitalidade, aberta a todas as raças e acessível a todos os homens, revêremo de todos os ideais, o nosso continente se tornou o refúgio dos perseguidos, a esperança dos necessitados e a reserva dos demais povos.

São decorridos mais de cem anos da independência americana, feita sob a inspiração dessas práticas e idéias.

Nesse período aperfeiçoaram-se a nossa solidariedade, as nossas leis e as nossas instituições.

A América criou uma ordem material e moral que tem de prestar no interesse próprio e no universal.

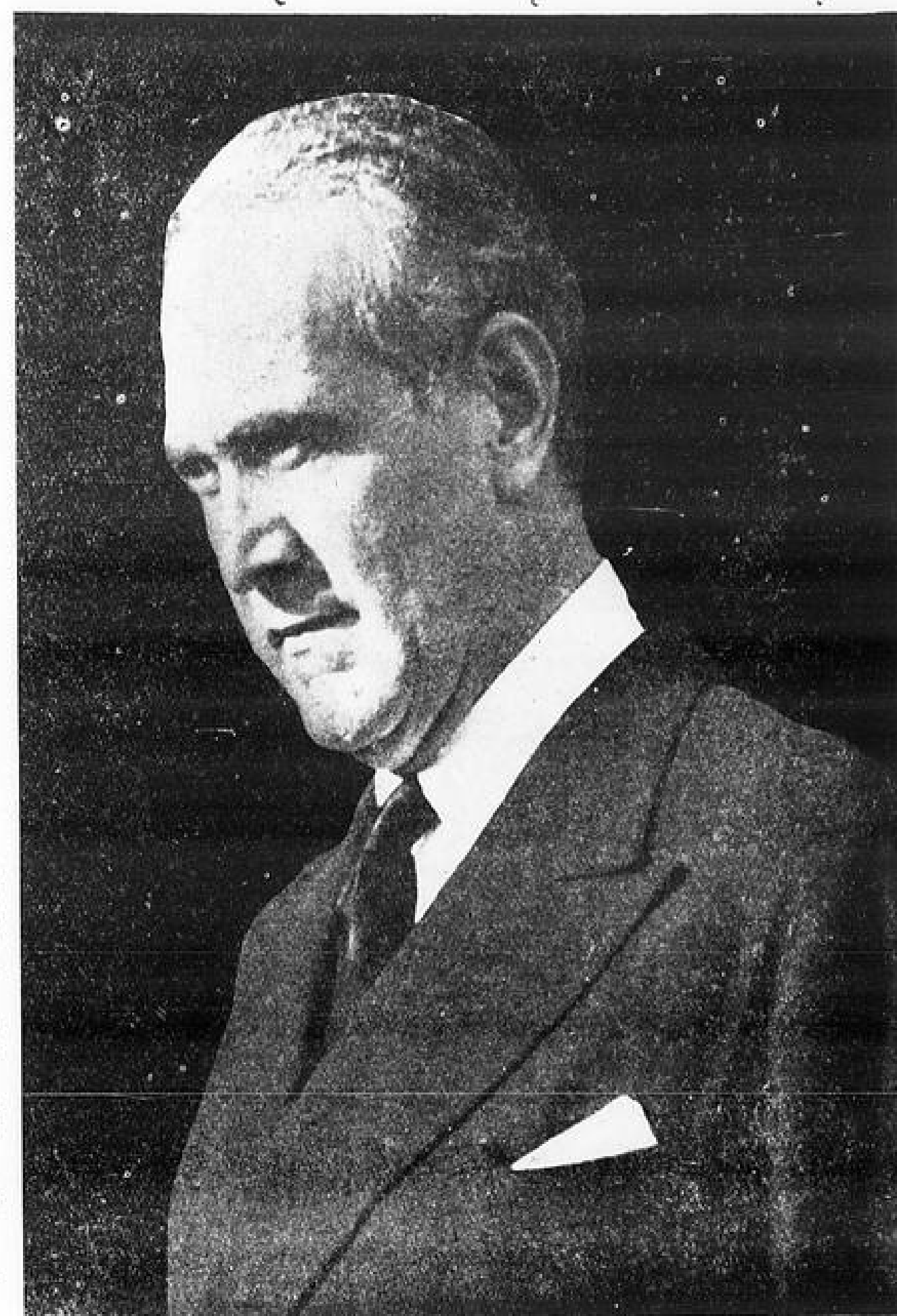
Não queremos um direito exclusivamente nosso e menos exigimos um estatuto especial para a América.

Queremos a segurança e a paz

Queremos, apenas a segurança e a paz que os demais povos sempre encontraram na hospitalidade farta das nossas terras e na proteção de nossas instituições.



Flagrante tomado no recinto do Palácio Tiradentes, por ocasião da instalação da III Conferência de Consultas.



Ministro Oswaldo Aranha

O Brasil, meus senhores, é parte integrante da América e seu destino está ligado ao de cada um e de todos os povos continentais. Este sentido americano que acompanha a nós brasileiros desde os primórdios de nossa vida, está mais do que nunca presente em nossa consciência nesta hora trágica do mundo em que a América, após 4 séculos de preparação e de organização, será fatalmente chamada a desobrigar-se de seus deveres para consigo mesma e para com a Humanidade.

Reforcemos o edifício continental para resistir a catástrofe

Meus colegas,

Assim como a descoberta da América refez uma Europa empobrecida e desesperançada; assim como a independência dos povos americanos trouxe a liberdade e a igualdade de raças escravas ou inimigas, a tolerância religiosa, a difusão do bem-estar econômico e social, a incorporação da mulher às atividades da vida; assim como a nossa participação no Conselho dos povos trouxe outros povos ao convívio internacional e trouxe a igualdade das nações, a adoção da arbitragem, da conciliação e da consulta para solucionar os conflitos internacionais, a nossa atitude, aquela que terá de emanar da III.ª Reunião de Chanceleres, deverá ser no sentido não só de proteger, mas de defender essas conquistas, porque a força moral da América reside nesta conformidade dos povos americanos não só aos interesses comuns, mas a um ideal de vida a que não estão dispostos a renunciar. Neste transe, submetidos à maior das provações, só salvaremos a cultura e a civilização americanas,



No Itamarati, os Chanceleres do Brasil, Argentina e México

a integridade mesma de nossas fronteiras territoriais e políticas, a tranquilidade e a paz futuras si os alicerces do edifício continental forem reforçados em cada uma de suas colunas por essas deliberações, de maneira a poderem resistir aos efeitos catastróficos da maior das tempestades de fogo, de ódio e de infelicidade já desencadeadas sobre o destino dos povos.

A paz é tão grave como a guerra

A paz, nestas horas, é tão grave para os povos como a guerra, porque a interdependência universal, criada pelo engenho mas subvertida pela violência, tornou precária e frágil mesmo a vontade e a força dos poderosos.

A guerra européia ameaçou, sem enfraquecer, o sentimento pacífico dos povos americanos, mesmo porque chegou a despertar em nossa gratidão os propósitos de prestar-lhe o nosso concurso para o apaziguamento e a solução de seus conflitos e problemas do que foi testemunha a histórica missão Sumner Welles com o apóio, os aplausos e as esperanças de todas as nações continentais.

Mas, agora, meus senhores, a América foi agredida por forma inesperada e brutal, justamente quando um dos maiores e melhores homens de todos os tempos, Franklin D. Roosevelt, fazia um supremo apelo à razão e à paz.

Não deixaram os agressores, com seu alo, alternativa para os povos continentais, nem mesmo para os seus admiradores ou adeptos.

Reunimo-nos porque todas as idéias admiráveis estão em risco

Esta é a razão pela qual nos reunimos aqui não somente porque as nossas terras, as nossas fronteiras, as nossas costas estejam ameaçadas, ou possam ser igualmente atacadas, mas porque a nossa vida, a nossa religião, a nossa moral, as nossas famílias, as nossas raças, as nossas instituições, as nossas liberdades, enfim, as nossas idéias estão em risco iminente de perecer.

O instrumento de que precisamos para realizar a defesa dessa civilização americana foi forjado desde os primeiros tempos da nossa existência independente e reside na prática de constante colaboração dos povos americanos, que por essa maneira vêm dando, através de numerosas vicissitudes, coesão e unidade à vida continental.

Da idéia para a realidade

Buenos Aires, Lima, Panamá e Havana marcaram momentos essenciais na evolução do panamericanismo, nos quais essa idéia passou para o plano de sua aplicação à realidade.

A consulta, formulada na primeira e aperfeiçoada nas três últimas dessas reuniões, mostrou ser o meio eficaz para formar o consenso americano sobre os problemas que temos de enfrentar e preparar a ação conjunta de nossos Governos para a sua solução.

A gravidade da hora, a urgência dos problemas submetidos à nossa consideração, a repercussão em nossa vida de qualquer decisão aqui tomada, tudo isso, estou certo,

encontra-nos serenos e concientes de nossas responsabilidades.

A ação comum fortalece as soberanias

Agir em comum, meus colegas, não diminui, antes eleva e fortalece nossas soberanias.

Esta é a nossa experiência, e, por isso mesmo a decisão do Brasil, conforme acaba de afirmar o Presidente Getúlio Vargas, interpretando, aliás, como sempre procura fazê-lo, os sentimentos profundos do povo brasileiro.

Esta é, estou certo, a vontade de cada um e de todos vós, meus eminentes colegas, porque a decisão dos povos americanos, neste transe, é marchar para uma organização continental capaz de resguardar os nossos destinos e até mesmo os universais.

É meu dever recordar a sorte das nações e dos povos que os erros dos seus Governos os levaram à escravidão.

Meus colegas,

Nas horas das grandes decisões, quando se reúnem os Conselhos dos maiores, costumavam os antigos fazer preceder essas assembleias da invocação pública, por arautos e oradores famosos, dos dias tristes, amargos e infelizes, afim de que os responsáveis pelas novas deliberações não esquecessem os erros de seus predecessores.

Nesta hora, ao assumir a presidência da III.ª Reunião de Consulta de Chanceleres da América, no momento em que têm início as nossas deliberações, é meu dever recordar-lhes a sorte das nações e dos povos que devido à desunião, ao erro dos seus Governos, de seus "líderes", de seus conselhos ou de seus ministros jazem escravos e famintos, frangalhos e restos de um apogeu, de uma prosperidade e de um prestígio que não souberam conservar, nem defender.

Não é na abundância, na glória nem na invocação de dias pacíficos e vitoriosos que devemos ir buscar a inspiração ou a lição para nossas decisões.

É na realidade, na triste realidade de outras terras, de outras nações e de outros continentes que a América deve vir buscar, na plena consciência do sacrifício da geração atual, a redenção das gerações vindouras.

Manifestações tão puras de panamericanismo, não fiquem em discursos, procuremos concretizá-las num verdadeiro policiamento, em que fique à parte a afetividade para com estes e aqueles indivíduos, estas e aquelas agremiações, que possam vir a perturbar os ideais americanos.

A quinta coluna está em toda a parte; o trabalho da gestapo foi bem feito; os estrangeiros que vieram fazer fortuna nesta terra, esquecem-se que vieram em porões de navios, encontrando aqui governos benevolentes, que deixam mandar à vontade dinheiro, para os totalitários voltarem seus canhões contra a América. Não contentes ainda, querem perturbar a ordem, emitindo em particular e em público suas opiniões nazistas, fascistas, falangistas, militaristas, esquecidos que não estão na sua Pátria, e que o dever de boa educação manda que se calem, em países hospitaleiros, como são os americanos.

Sejamos autênticos brasileiros, convictos nacionalistas.

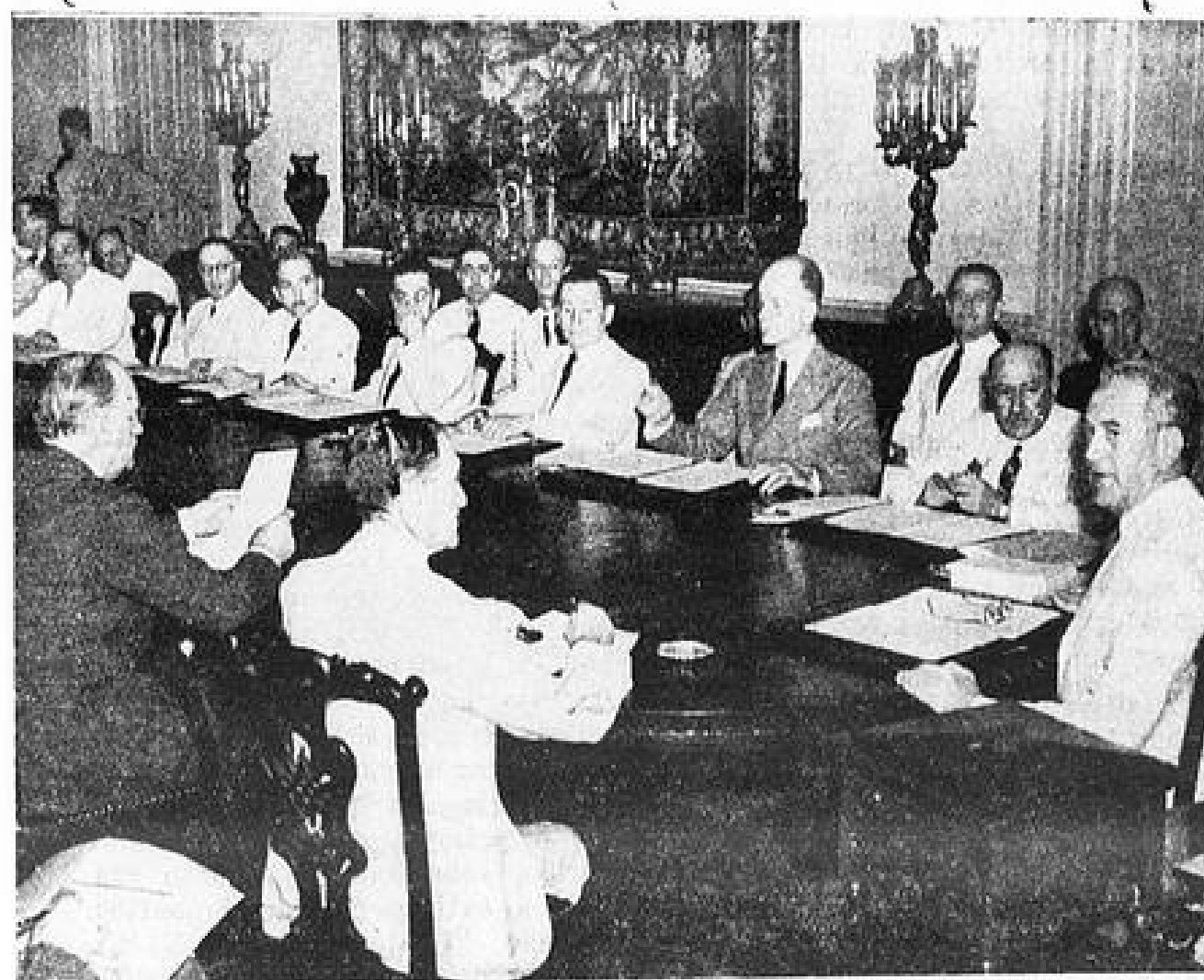
Amemos acima de tudo a nossa Pátria. Não temos preconceitos de raça, mas tenhamos preconceitos de nacionalidade.

Fomos tolos demais no passado. A presente lição nos sirva para serem varridos dos postos de mando todos aqueles que não são brasileiros natos.

Assim como seria falta de patriotismo as classes Armadas do País divergirem da opinião

manifestada pelo Chefe de Governo e pela opinião pública nacional e americana, assim também as Autoridades Eclesiásticas estão na obrigação patriótica de tomar providências, em benefício da religião e da pátria, para que os elementos estrangeiros, dentro das ordens e congregações religiosas e também no clero secular, se abstenham de fazer comentários, em particular e em público, sobre a política adotada pelas nações americanas, não havendo mais neutralidade, dentro dos princípios de fraternidade continental. Mais ainda: Como na guerra passada, S. Em. Revma. o Sr. Cardial Arcoverde tomou providências sérias para varrer de cima da Igreja no Brasil toda e qualquer suspeita, assim no momento as Autoridades Eclesiásticas devem fazer o mesmo. Si as Autoridades Eclesiásticas tivessem procedido deste modo, teriam evitado que Estações de Rádio fizessem insinuações, como já fizeram. Na guerra passada, devem todos se lembrar que à testa da Congregação Brasileira Beneditina ficou, D. José de S. Escolástica; como Superior dos Franciscanos aqui ficou Frei Diogo; como Vigário de Juiz de Fora Mons. Carlotto Tavora, depois Bispo de Caratinga, todos para substituir sacerdotes estrangeiros. Hoje neutralidade, onde não há prudência, por parte de elementos estrangeiros, é falta de patriotismo.

Partindo do princípio, aceito por todos de que os Soberanos Pontífices desejam a formação do clero indígena, no mundo inteiro, como está provado pelas intenções missionárias, aprovadas pelo Santo Padre Pio XII, para o corrente ano, em 12 de Março de 1941, todas as ordens e congregações religiosas, que não têm sua escola apos-



O Ministro Oswaldo Aranha, falando aos chanceleres americanos, por ocasião da Reunião Preparatória da III Conferência de Consulta, vendo-se, em frente, ao centro, o Sr. Sumner Welles, sub-secretário do Departamento de Estado.

tólica no Brasil, estão fora das determinações pontificias, vivendo dentro do nosso país sem querer que a sua Congregação ou Ordem tenham elementos nacionais, como é necessário que tenham, em benefício mais da religião do que da Pátria. Vamos mais longe: si a Igreja é Universal, como é, não devem existir privilégios de nacionalidades, assim a começar dos Núncios Apostólicos, em todos os países do mundo, o representante do Papa; em cada país, deve ser um Prelado do país representado pelo Soberano Pontífice.

Colégio Pan-Americano

O ENCERRAMENTO DO ANO LETIVO NESSE IMPORTANTE EDUCANDÁRIO



Desfile de uma Companhia de alunos.

Realizou-se em 21 de Dezembro p. f. a festa do encerramento do ano letivo no Colégio Pan-Americano, executando-se um vasto programa:

I — Abertura dos trabalhos com o Hino Brasileiro cantado por todos os presentes. O Snr. Dr. Noêmio Souza e Silva, Diretor do Colégio fez as seguintes promoções na Companhia de Alunos: A capitão o 1.º tenente Darci Valadares; a 1.º tenente o 2.º tenente Hélio José de Almeida a 3.ºs sargentos os cabos de esquadra Edson de Assis, Cabos tambores Paulo de Souza Lopes e Alberto Maciel; a 3.ºs Sargentos- enfermeiro o Cabo enfermeiro Joseir de Oliveira Couto; a cabos de esquadra os alunos Antonio Botelho, Nelson Failace, Zigorom Belem, Vagner M. de Castro, Iracundo de Aquino e Roosevelt de Azevedo Couto; a cabo-tambor o aluno Silas Teixeira.

Entrega dos prêmios de aplicação aos alunos mais distintos: Hélio José de Almeida, Vagner Martins de Castro e Roosevelt Azevedo Couto. VIII — Vibrante discurso do Snr. João M. F. de Andrade, sandando a Diretoria do Colégio pelo dia de sadio patriotismo que lhe fora dado presenciar, oferecendo em nome da Soc. dos Amigos de Alberto Torres, aos alunos Hélio Jr. de Almeida e Ivon da Silva Faria, os prêmios instituídos por aquela associação aos alunos distintos.

Encerramento da sessão às 18 e 30, com o Hino Nacional Brasileiro, cantado por todos os presentes.



Sociais

Não convinha, diz Leão XIII, celebrar o nascimento real do Filho do Pai soberano, a casa de Davi e os nomes gloriosos dessa linhagem antiga. E mais doce para nós lembrar a pequena casa de Nazaré e a humilde existência que ali se leva; é mais doce celebrar a vida obscura de Jesus. Ai o Menino divino aprende o humilde ofício de Jesus e, na sombra ele cresce em idade, mostrando-se feliz de partilhar os trabalhos de carpinteiro. O suor, dizia ele, corra sobre os meus ombros antes que os inunde a efusão de meu sangue; esta pena do trabalho serve também para expiação do gênero humano. Perto do divino Menino está sua terna Mãe; junto do Espôso está a Espôsa dedicada; ela é feliz de poder aliviar-lhe as penas e fadigas, com cuidados afetuosos. "Ó vós que não fostes isentos de trabalhos e de cuidados e conhecestes o infortúnio, assisti aos desgraçados oprimidos pela indigência e lutando contra as dificuldades da vida". Na humilde casa de Nazaré, Jesus, Maria e José consagraram, pelo exercício das virtudes domésticas, a vida de família. Ai praticaram a caridade, o auxílio mútuo, o respeito e a obediência. Encontraram, no recolhimento e oração, em comum, a paz e a alegria. Possa a grande família cristã, possa cada lar cristão praticar na terra as virtudes praticadas pela Santa Família, afim de merecer viver em sua santa companhia no céu.

ANIVERSARIOS

Janeiro.

1 — Walter Pfaltzgraff Rocha, tenha sempre presente o dia do seu nascimento, para vencer as dificuldades da vida, que tem um sabor todo especial na santificação do sofrimento.

3 — Davino Pinto de Lemos, netinho de D. Aurora, na sua Avó tem um espelho da virtude que tudo resolve na vida, que é a piedade sólida.

— Durval Gouvêa, galho dos Gouvêas, onde impera a Rainha concebida sem pecado original, nunca lhe falte a proteção da Santíssima Virgem.

— Maria Luiza Sertã Camões, filha extremosíssima, esposa exemplar, mãe dedicadíssima, viva feliz da felicidade dos verdadeiros devotos de Nossa Senhora.

4 — Aurora Valente de Lemos, lembre-se que Nossa Senhora é a Aurora da Vida da Graça.

6 — Paula Falcão Pfaltzgraff, nos seus filhos e netos tem a coroa de toda a dedicação de afetos santos.

11 — Comandante José Garcia d'O Almeida, exemplar chefe de família, imprimiu no seu lar o império da virtude, colhendo como fruto o afeto puríssimo, verdadeiro mel do amor divino.

— Alice Gouvêa, na devoção da Santíssima Virgem encontre a doçura das virtudes cristãs.

14 — Dulce Alvim Guimarães, já experimentou as carícias de uma Mãe sem igual, que é a Santíssima Virgem.

16 — José Nelson, filho do Sr. José Palhano de Freitas e de D. Isabel de Albuquerque Freitas, aluno do 1.º ano ginasial do Seminário Paulino, em S. Paulo. Do Coração Imaculado de Nossa Senhora retire a perseverança na sua vocação.

18 — João de Andrade, é o Secretário da Sociedade dos Amigos de Alberto Torres. Pugna, presentemente, dentro do patriotismo produtivo de Alberto Torres, por um Brasil onde se sintam mal todos aqueles que não cooperam com a política panamericana. Deus lhe dê energia para fazer o expurgo dos indivíduos sem caráter, culpados de todos os males sociais da hora presente.

19 — Vera Carvalho, filha carinhosíssima, Nossa Senhora que a proteja sempre.

20 — Dom Sebastião Leme da Silveira Cintra, nosso Cardinal Arcebispo, — *Pascet in fortitudine tua, Domine, in sublimitate nominis tui, ad multos annos!*

— Maria Carlota Duarte Silva Costa, mãe de Dom Carlos Duarte Costa, completou seus 91 anos de idade, por entre as preces, verdadeiro canteiro de amor perfeito, que tem seu perfume no Coração de Deus.

— Odete Bastos Lavrador, vem sabendo imprimir no coração de todos os seus aquela piedade sólida, que é o encanto do seu lar.

— Iara Marilda Azevedo Pinto, mire-se em S. Sebastião, onde encontrará todas as virtudes necessárias para ser uma boa cristã, soldado verdadeiro de Nosso Senhor.

— Oto Pfaltzgraff, numa família onde existem tantos canteiros de virtudes, é fácil a escolha de uma que o faça forte na vida.

— Sebastião Costa, é o pequeno Sebastiãozinho, delícia de um lar verdadeiramente cristão, seja uma alma eucarística, onde encontrará a força necessária para ser um perfeito cristão.

22 — Sérgio Regis de Alencastro Matos, a Santíssima Virgem atenda a todos os pedidos de D. Luiza.

— Marta de Castro Neves, é a Martita! Invertem-se os papéis e seja a Maria da Betânia de Jesus.

23 — Altina Sprenger Costa e Silva, na Virgem Santíssima encontre solução para tudo na vida.

26 — Djanira Costa Matos (Nirinha), é o termômetro de um lar onde se ama a Nosso Senhor de verdade!

— Áurea de Espanha Paramés, de uma sólida piedade, na Virgem Santíssima experimente a doçura do puríssimo amor divino.

27 — Djanira do Nascimento Costa Matos, é a mãe da Nirinha. Colha no jardim Gertrudiano as ternuras da devoção ao Sagrado Coração de Jesus.

28 — Maria Antônia de Lemos, neta da D. Aurora, conceda Nossa Senhora todas as graças para que seja muito feliz.

29 — Murilo de Souza Mendes, é o caçulinha da Celeste, levadinho, mas muito meigo, Nessa Senhora Menina levante sempre sua mãozinha para abençoá-lo.

30 — Maria de Lourdes, filha do Major Lincoln de Carvalho Caldas, que amanhã celebra seu aniversário natalício, traga do céu todas as graças para ser sempre muito feliz com a felicidade do seu Papai.

CASAMENTOS

Dezembro:

27 — Na Matriz de S. João de Meriti, realizou-se o casamento de Aroldo Pereira de Matos e Julieta Viriato, esta bem conhecida dos devotos de Nossa Senhora Menina, trocando sempre os objetos de devoção com tanto prazer e dando a água e o óleo aos enfermos com muito carinho. Nossa Senhora a faça muito feliz no estado de matrimônio.

NOIVADO

Dezembro:

24 — Contrataram casamento o Sr. Libertário Lanteri e a Senhorita Alice Maria Moutinho, dileta filha do Sr. Antônio Moutinho e de D. Albertina Moutinho.

FALECIMENTO

Janeiro:

17 — Confortada com todos os sacramentos da S. Igreja, faleceu a Exma. Sra. Hercília Tojal, virtuosa irmã do Padre Afonso Tojal, que foi Vigário Geral de Dom Carlos Duarte Costa, quando Bispo Diocesano de Botucatu, no Estado de S. Paulo, e, presentemente, Vigário de S. Sebastião de Bento Ribeiro. S. Ex. Revma. que muito admirava as virtudes de D. Hercília Tojal, sobretudo, a companhia que fez ao seu irmão pelo espaço de 34 anos, com uma dedicação extraordinária, fez questão de acompanhar o enterro, que esteve muito concorrido, sobressaindo quando era estimada a extinta e como é querido o seu irmão. "O Mensageiro de N. S. Menina" associa-se á dor do Padre Afonso Tojal, seus irmãos, cunhadas e sobrinhos, bem como a de todos os paroquianos de Bento Ribeiro.

De um mês a outro

Resenha da guerra e dos acontecimentos internacionais

Estão reunidos, nesta Capital, os Chanceleres de todas as Repúblicas Americanas, para deliberarem a marcha dos acontecimentos, digamos, mundiais, tal a importância da América na solução dos problemas bélicos, que devem apressar a Paz.

Uma coisa já está deliberada pela Conferência: A adesão das Américas ao Estatuto do Atlântico, que é o seguinte:

"O presidente dos Estados Unidos da América e o primeiro ministro, Mr. Churchill, representando o Governo do Sua Majestade no Reino Unido, tendo se reunido, julgam conveniente tornar conhecidos certos princípios comuns da política nacional de seus respectivos países, nos quais repousam suas esperanças de obter um futuro melhor para o mundo.

"Primeiro. Seus respectivos países não procuram engrandecimento, nem territorial nem de qualquer outra espécie.

"Segundo. Não desejam que se efetuem modificações territoriais que não estejam de acordo com os desejos que expressam livremente os povos interessados.

"Terceiro. Respeitam o direito de todos os povos de escolher o regime de governo sob o qual não de viver, e desejam que se restitua os direitos soberanos e a independência aos povos que tenham sido despojados deles pela força.

"Quarto. Com o devido respeito às suas obrigações existentes se esforçarão para que todos os Estados, grandes ou pequenos, vitoriosos ou vencidos, desfrutem de acesso, em igualdade de condições, ao comércio e nas matérias primas do mundo que necessitam para sua prosperidade econômica.

"Quinto — Desejam alcançar no campo da economia a colaboração mais estreita entre todas as nações com o objetivo de conseguir para todos melhorias nas normas do trabalho, prosperidade econômica e segurança social.

Sexto — Depois da destruição completa da tirania nazista, esperam que se estabeleça uma paz que proporcione a todas as nações os meios de viver seguras dentro de suas próprias fronteiras e que garanta a todos os homens de todos os povos uma vida livre de temor e de necessidade.

Sétimo — Tal paz permitirá a todos os homens cruzar livremente todos os mares.

Oitavo — Acreditam que as nações do mundo, por razões tanto realistas como espirituais, terão que abandonar o uso da força. Como não se poderá manter a paz futura si as nações que ameaçam, ou podem ameaçar ou cometer uma agressão fora de suas fronteiras, continuam utilizando armamentos terrestres marítimos ou aéreos, acreditam, que enquanto não se estabeleça um sistema mais amplo e perma-

nente de segurança geral, é necessário desarmar as referidas nações. Assim mesmo prestarão ajuda e darão alento a todas aquelas outras medidas práticas que podem aliviar da pesada carga dos armamentos aos povos que amam a paz".

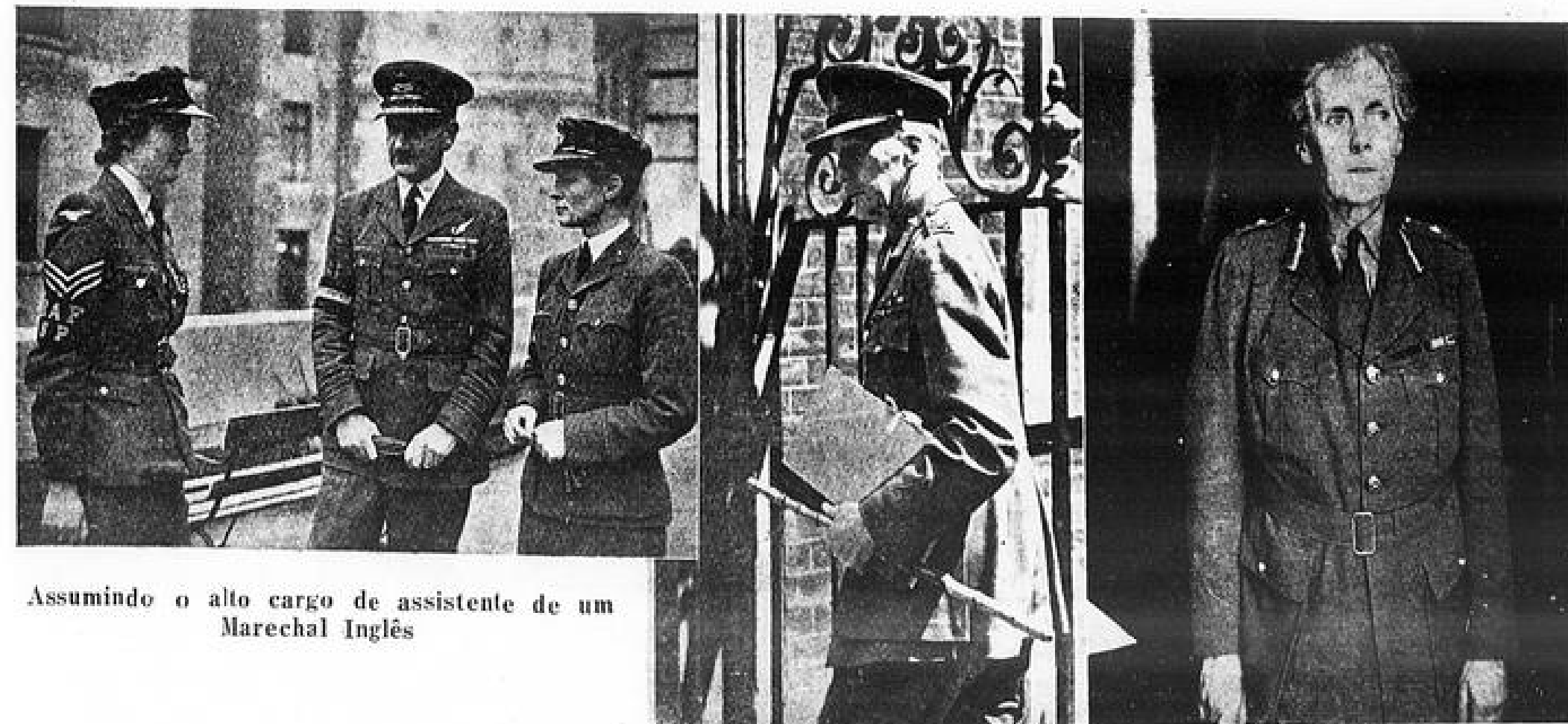
Princípios tão nobres revelam os sentimentos das duas grandes nações: A Inglaterra e os Estados Unidos da América do Norte.

Si o mundo saiu do eixo, deve-se isto exclusivamente ao espírito prepotente das nações que compõem o "EIXO", retin-



A Cruz Vermelha em ação, no centro da Inglaterra.

rando dos seus subditos e pretendendo retirar do mundo o que Deus deu ao homem na criação — A Liberdade — Esta tirania, ultimamente, estava passando para todas as Sociedades, desaparecendo o órgão "Consultivo", para prevalecer a vontade de um ou de poucos. As reformas eram feitas nos Gabinetes, sem que individualidades e corpos associativos se



Assumindo o alto cargo de assistente de um Marechal Inglês

O novo Chefe do Estado Maior Inglês, General John Dill, entrando na célebre Downing Etret 10 para conferenciar.

Foto da Senhora Helen Gwynne, discursando no Ministério da Guerra.

pudessem manifestar. E essas deliberações eram tomadas, sem se ter em consideração a experiência de séculos de homens prudentes e espíritos formados dentro das normas traçadas pelas necessidades do cristianismo.

Que quer, na hora presente o mundo?

Liberdade, o excelente bem da natureza e exclusivo apatúrgio dos seres dotados de inteligência ou de razão. É a liberdade que confere ao homem uma dignidade, em virtude da qual ele é colocado entre as mãos do seu conselho e se torna



Nas praias inglesas, o guarnecimento de transportes de guerra.

o senhor de seus atos. E o que é principalmente importante nesta prerrogativa, é a maneira como ela se exerce, porque do uso da liberdade nasceu os maiores bens, como do abuso todos os males. Sem dúvida, está no poder do homem obedecer à razão, praticar o bem moral, caminhar direito ao seu fim supremo: esta é a liberdade de todas as nações livres e dignas dos seus destinos, liberdade trazida ao homem, depois da queda dos nossos pais no pecado, pelo libertador do gênero humano-Nosso Senhor Jesus Cristo. Esta é a liberdade enforcada por Hitler no seu nazismo e por todos os governos totalitários. Esta é a liberdade que a América não quer perder, e que tantos sacrifícios está custando à heróica Grã-Bretanha e, recentemente, aos nossos irmãos — os Estados Unidos. — E devemos nos lembrar que, sendo a Igreja depositária da verdade e dos dons e graças providos da Redenção, é também ela detentora da liberdade que nos trouxe Nosso Senhor Jesus Cristo e que comunica tanto aos indivíduos, como as nações, que abraçaram as sublimidades da Civilização Cristã. A liberdade, porém, como afirma S. Tomaz de Aquino, *obedece à ordenação da razão*, que é o que se chama lei. Esta lei é a que regula o livre arbítrio e tanto mais livre é, quanto mais nações e povos se colocam dentro das determinações divinas, por que se regem as Sociedades Cristãs. É que nas determinações divinas comunicadas ao homem pelo decálogo, já estão as leis da natureza. Toda a desordem de Hitler outra coisa não é, senão o afastamento das determinações divinas ou da liberdade concedida ao homem pelo próprio Deus.

A legislação de Hitler e de todos os governos totalitários fica bem enquadrada no que diz a sabedoria eterna: *Dei insipiens in corde suo: Non est Deus!* disse o néscio no seu coração: Não existe Deus! As leis humanas nos países cristãos devem ser consideradas corolários da legislação divina, quando essas leis têm seu fundamento na própria legislação divina. Aí está porque a Igreja, pelos Soberanos Pontífices, aconselha a todos os povos que obedecam aos seus governantes, em regimes enquadrados nos princípios divinos. E, quando alguém, pretende sobrepôr a autoridade humana à divina, a Igreja está no seu dever de condenar o regime e os homens passíveis de tanta audácia, como, no caso presente, o NAZISMO.

O discurso de Sumner Welles, na abertura da Conferência dos Chanceleres, é de tanta importância para as Américas, que não podemos deixar de registrá-lo nas nossas páginas.

“Os povos das Américas neste momento se encontram

diante do maior perigo que jamais confrontaram desde que se tornaram independentes.

Achamo-nos reunidos, obedecendo os termos e o espírito dos acordos inter-americanos, afim de nos entendermos, quanto ao rumo que os nossos Governos deverão seguir sob a sombra desta terrível ameaça contra a continuação da nossa existência como povos livres.

Reunimo-nos como representantes de nações que anteriormente tiveram as suas diferenças e controvérsias. Creio, porém, que posso falar em nome de nós todos, e não menos em nome do meu Governo, quando afirmo que todos nós aproveitamos a lição dos nossos erros de omissão e comissão cometidos no passado. Reunimo-nos com representantes das vinte e uma Repúblicas soberanas e independentes do continente americano, ora unido como nenhum continente jamais se achou na história, pela nossa fé nos laços de confiança mútua e interdependência recíproca que nos ligam, e, acima de tudo, pela nossa dedicação comum às grandes causas da democracia e da liberdade humana, às quais o Novo Mundo se dedica.

A calamidade que ora, afoga a humanidade não deixou de ser prevista por nenhum de nós.

Há apenas cinco anos, na Conferência Inter-Americana para a Manutenção da Paz, em Buenos Aires, reunimo-nos devido aos sinais evidentes de que a terra seria arrasada pela catástrofe de uma guerra mundial. De comum acordo, determinamos as medidas indispensáveis à nossa segurança coletiva. Por ocasião da Conferência Inter-Americana de Lima, providências adicionais foram tomadas. Depois de arremeter a guerra, por ocasião das Reuniões dos Ministros das Relações Exteriores no Panamá e em Havana, as Repúblicas Americanas adotaram medidas adicionais de proteção e cooperação para a segurança coletiva de grande alcance.

Estávamos, pois, de certo modo preparados para a eventualidade, da qual então ainda esperávamos escapar. Isto é, o arrastamento das Américas à guerra imposta à humanidade pelo Hitlerismo.

Considero minha obrigação aqui, em nome do meu Governo, informar-vos com toda a franqueza sobre o rumo seguido até o momento em que, no domingo, 7 de dezembro passado, o meu país foi repentinamente agredido por um ato de traição que jamais será esquecido pelo povo dos Estados Unidos e nem também, creio eu, pelos povos de quaisquer das outras Repúblicas Americanas.

Meu Governo jamais fleou cego aos propósitos e objetivos visados pelo Hitlerismo. Desde há muito compreendeu que Hitler havia formulado os seus planos para conquistar o mundo inteiro. Estes planos — os planos de um criminoso paranoico — foram concebidos mesmo antes de se apoderar do Governo da Alemanha. Foram executados passo a passo, pri-



Especializadas em motores, examinam um defeito.

meiramente por meio de perfídia e traição e, mais tarde, a fogo e espada. Não há mal que seja demasiado monstruoso para ele; não há infâmia que deixe de cometer, por mais vil que seja.

Por inúmeras vezes, como vós sabeis, o presidente dos Estados Unidos, em anos anteriores, com o vosso conhecimento e a vossa aprovação, enviou todos os esforços, por

meio de apêlos fervorosos e propostas construtivas e justas, para evitar o holocausto final.

Todos nós aprendemos uma lição amarga durante aqueles anos de 1936 a 1941.

Aprendemos, pela experiência trágica de outrem, que todas as normas da decência e do direito internacional, sobre as quais repousavam as esperanças de um mundo pacífico, cumpridor de suas obrigações, foram totalmente ignoradas por Hitler e por seus satélites desprezíveis.

As nações livres que ingenuamente procuraram manter pelo menos uma sombra de independência, pela patenteada inocência de sua conduta e pela sua neutralidade total, foram as primeiras a ser ocupadas e devastadas mais crudemente do que as que resistiram ao ataque dos exércitos de Hitler.

Aprendemos a seguinte lição — lição essa que nos levou, a todos nós, muito tempo a aprender — que no mundo de hoje, diante do Hitlerismo e toda a negra reversão ao barbarismo que aquela palavra vil implica, nação alguma pôde ter a esperança de manter a sua própria independência, e nenhum povo a sua liberdade, a não ser pelo poder das armas e pela coragem e dedicação de homens e de mulheres, de muitas terras e de muitas rugas, mas todos imbuídos de mais amor à liberdade do que à própria vida.

O povo dos Estados Unidos aprendeu esta lição!

E, por esta razão, devido à firme intenção de defender a sua pátria e salvaguardar a segurança do nosso continente, resolveu dar o seu apoio incondicional ao coração grupo de nações que, apesar de grandes desigualdades, continuava, todavia, a defender as suas liberdades.

Aprendemos tão bem a nossa lição, que reconhecemos que a defesa de sua independência por esses povos constituía também a defesa da nossa própria independência e a do Hemisfério Ocidental.

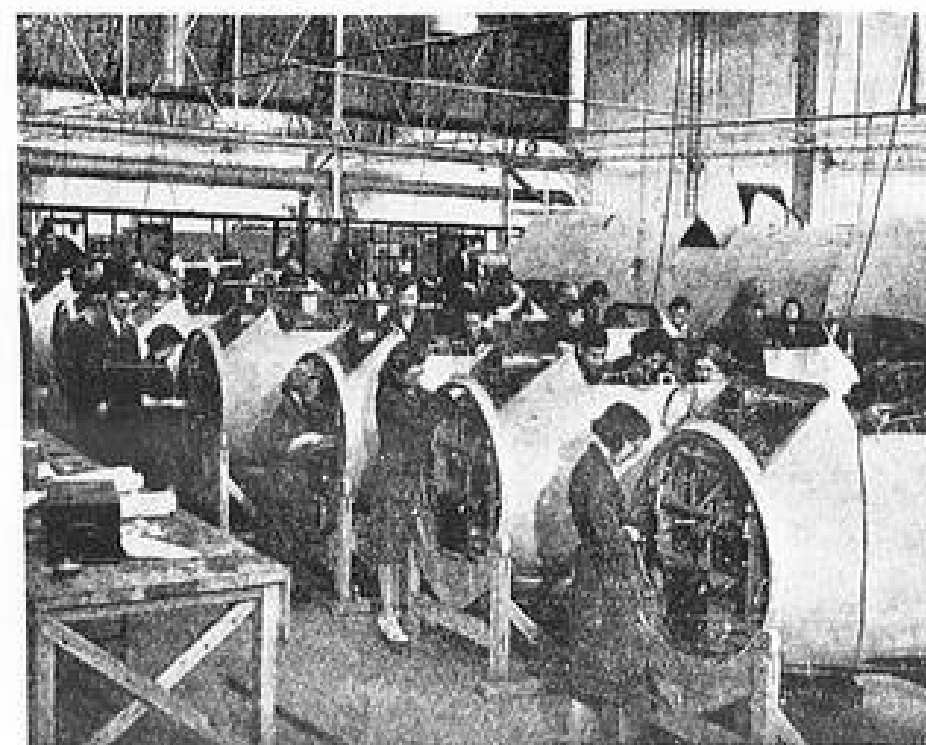
Assim foi que Hitler, repentinamente, em junho passado, desesperado pela convicção de que não mais poderia capturar com êxito a invasão da Grã Bretanha, porém, intoxicado com as vitórias fáceis que havia alcançado em outras partes da Europa, atacou traiçoeiramente a União Soviética, com a qual pouco antes havia firmado um pacto de não-agressão. “Quem Deus vult perdere, prius dementat.”

Há muitos meses, o Japão entrou no Pacto Tripartito com a Alemanha e a Itália. O meu Governo teve conhecimento de que este acordo, que fez do Japão um instrumento submisso de Hitler, com o fim principal de evitar que os Estados Unidos continuassem a auxiliar a Grã Bretanha, não teve o apoio de certos elementos no Japão. Estes previam claramente a destruição final do Japão, caso o governo japonês se entregasse a uma aventura que fatalmente levaria o Japão ao conflito contra todas as potências diretamente interessadas no Pacífico Ocidental.

Estes elementos no Japão bem compreendiam que Hitler, sem dúvida, se apoderaria das presas japonesas quando bem o entendesse, embora tivesse conseguido convencer os militares à frente do Governo japonês de que, caso o Japão obedecesse às ordens da Alemanha e as democracias ocidentais fossem vencidas, esta concederia ao Japão o controle do Oriente.

Durante mais de dez meses o meu Governo procurou negociar com o Japão um acordo pacífico e justo das diver-

Mecânicas instalam controles e peças nos aviões de guerra



Um ônibus velho transformado em cantina das forças inglesas.

gências entre os dois países, afim de evitar o rompimento de hostilidades no Pacífico.

Os Estados Unidos, porém, recusaram peremptoriamente, concordar com qualquer ajuste final, que infringisse a independência ou os direitos legítimos do povo chinês, que, durante quatro anos e meio, resistiu com bravura e êxito todo o esforço do Japão para conquistar a sua terra secular. Nem tampouco concordariam os Estados Unidos com qualquer proposta apresentada pelo Governo japonês que fosse contrária aos princípios básicos de direito e justiça, pelos quais, tenho orgulho em dizer, o meu país se bate.

Sabemos agora que na mesma ocasião em que o atual Governo japonês, a seu próprio pedido urgente, simulava emprender negociações de paz com os Estados Unidos, visando chegar a um acordo que poderia ter evitado a guerra, todos os planos, em seus menores detalhes, para um ataque contra o território do meu país, já haviam sido preparados.

Durante as duas semanas que precederam o dia 7 de dezembro, enquanto o notório emissário de paz do Japão teste-

Moças, alegres e vigorosas, com picaretas nos serviços de remoção de destroços.





Câmara fotográfica.

munhava ao meu Governo que seu país desejava tão somente a paz e relações comerciais proveitosas com os Estados Unidos, os porta-aviões já se achavam a caminho de Pearl Harbor, afim de dar início à sua infame agressão contra a Marinha dos Estados Unidos.

Enquanto negociações de paz ainda se achavam em franco progresso em Washington, os militares japoneses, cumprindo as ordens de seus superiores alemães e adotando os mesmos métodos de perfídia e traição com os quais Hitler enojou o mundo civilizado, repentinamente atacaram o país que havia sido amigo do Japão, e havia envidado todos os esforços honrosos afim de chegar a uma base para uma paz justa e duradoura no Pacífico.

Poucos dias depois, a Alemanha e os seus satélites declaravam guerra aos Estados Unidos.

E, desta forma, a guerra foi imposta a alguns de nós no Continente americano.

A maior certeza de que o nosso grande conjunto de povos soberanos e independentes — a família americana de nações — pôde sobreviver com segurança a este grande transtorno mundial repouse na união com que enfrentamos o perigo que nos ameaça.

Alguns de nós somos capazes, sem a menor dúvida, de nos defender com êxito com o nosso próprio poderio, com os nossos próprios recursos e pelo volume de nossas populações. Outros que não possuem estas vantagens materiais, si bem que iguais em coragem e no propósito firme de resistir à agressão, terão de depender da cooperação que lhes é proporcionada pelos membros da família americana, para garantir a sua segurança. A única segurança inabalável deste continente é a cooperação completa de todos nós em prol da defesa coletiva; parceiros soberanos e iguais na hora da agressão como nos tempos de paz.

O que se deu nos últimos dois anos sempre se nos depara. Vós sabeis como eu também o sei que, si tivesse existido durante os últimos dez anos uma ordem internacional baseada sobre o direito, com capacidade para impor esse direito, o mundo de hoje não estaria sujeito ao cruel castigo que agora

assola o universo inteiro. Se as nações européias pacíficas e cumpridoras de suas obrigações tivessem estado dispostas a se unirem quando a ameaça do Hitlerismo primeiro se manifestou Hitler jamais se teria atrevido a iniciar a sua vil carreira. Foi somente pelo fato destas nações, em vez de se unirem, se terem afastado umas das outras, depositando a sua esperança de salvação em sua própria neutralidade, que Hitler conseguiu se apoderar delas, uma por uma, conforme se lhe tornava conveniente, de acordo com o tempo e as circunstâncias.

A segurança dos trezentos milhões de habitantes do Hemisfério Ocidental e a independência de cada um dos países aqui representados dependerão ou das nações americanas permanecerem unidas nesta hora de perigo, ou de ficarem separadas uma das outras.

Estou completamente a par do que os representantes das potências do Eixo vêm dizendo a alguns de vós, constantemente, durante os últimos meses. Sei que os representantes de Hitler têm dito a alguns de vós que a Alemanha não tem em absoluto a idéia de dominar o Hemisfério Ocidental. Eles vos têm dito que a Alemanha só deseja o completo domínio de todas as partes da Europa, da África e do Oriente Próximo, a destruição do Império Britânico, a escravidão do povo russo e a supremacia sobre o Oriente e, quando isso for atingido, tão somente a amizade e o comércio pacífico com as Américas.

Os representantes de Hitler, porém, deixam de esclarecer que, nessa contingência fatal, estaríamos então vivendo, todos nós, num mundo dominado por Hitler.

Talvez vos lembreis que há poucos dias Hitler acusou em público o presidente Roosevelt como sendo o maior instigador de guerra em todos os tempos, porque o presidente havia declarado que o povo dos Estados Unidos "não desejava viver no gênero de mundo" a que Hitler aspirava.

Em um universo dominado por Hitler, nenhum de nós poderia negociar a não ser de acordo com os ditames de Hitler. Nenhum de nós poderia viver a não ser sob as ordens de um "pau-leiter" a nós designado por Hitler. Nenhum de nós poderia educar os nossos filhos a não ser da maneira ditada por Hitler. Nenhum de nós poderia gozar do direito que Deus nos deu de pensar e falar livremente e de adorar Deus de acordo com os ditames de nossa consciência.

Sei que o próprio Hitler se admira de não estarmos dispostos a viver em semelhante mundo?

Bem sei o que os representantes do Japão têm dito a alguns de vós. Estão vos dizendo que o Governo japonês está certo que os Governos e os povos das Repúblicas americanas seguramente não se deixarão iludir pela crença de que o Japão abriga más intenções para com eles.

Estão vos dizendo que o Japão deseja tão somente a paz convosco e a manutenção de relações comerciais proveitosas.

Lembrareis que a nós também disseram o mesmo!

O Governo japonês chega a vos dizer que brevemente enviará navios aos portos da América do Sul, no Pacífico, para serem carregados com vossas mercadorias. Mas não adiantam que, caso um navio japonês cometesse a imprudência de tentar tal viagem, não poderia prosseguir por muitas milhas após deixar o porto visitado nas Américas, sem ser detido pela Marinha de seus adversários.

Nada temos a lucrar, porém, versando sobre as mentiras com que os Governos do Eixo ainda esperam nos enganar. Todos nós sabemos que nenhum homem sensato pôde dar o mínimo crédito a qualquer afirmação solene ou sagrada que os Governos do Eixo possam fazer.

Outrossim, sabemos muito bem que o único alvo, o objetivo final destes parceiros de crime, é a conquista da superfície inteira da terra, o furto dos bens de cada um de nós, e a subjugação completa em toda parte de homens e de mulheres livres.

Há doze meses atrás, Hitler solenemente afirmou ao povo alemão que, antes do fim de 1941, a Alemanha venceria completamente todos os seus inimigos na maior vitória de todos os tempos.

Em 3 de outubro próximo passado, Hitler jurou a seu povo que, antes do Ano Novo de 1942, a Rússia seria esmagada para "nunca mais se erguer".

Quais os fatos? Hoje os exércitos alemães estão recuando do território russo, batidos e dispersados pela magnífica ofensiva dos exércitos russos. Hitler já perdeu mais que a terça parte de sua força aérea, mais que a metade dos seus tanques, e mais que três milhões de homens. Ainda mais do que isto, porém, o próprio povo alemão agora percebe a falsidade com-

pleta das promessas que lhe foram feitas pelo infame charlatão que o domina. A moral desse povo acha-se em decadência!

Na África do Norte os exércitos britânicos destruíram completamente as forças do Eixo na Líbia e estão eliminando as ameaças do Eixo no litoral do Mediterrâneo Sul.

No Atlântico, os comboios britânicos e estadunidenses navegam sempre com maior segurança para os seus destinos, e as perdas mercantes causadas pela atividade dos submarinos alemães têm diminuído progressivamente durante os últimos seis meses.

No Oriente, os Estados Unidos e a Grã Bretanha de início sofreram revezes.

Todos nós recordamos que, em consequência da Conferência de Washington em 1922, para a Limitação de Armamentos, as potências diretamente interessadas no Oriente, afim de assegurar a base para relações pacíficas entre si, se comprometeram a não aumentar as fortificações de suas possessões naquela área. Durante os anos em que vigoraram os tratados concluídos naquela Conferência, os Estados Unidos, obedecendo aos mesmos, não tomou providência alguma para a fortificação das Filipinas. Sabemos, outrossim, que o Japão, contrário as obrigações por ele assumidas, durante estes mesmos anos estava construindo bases navais e febrilmente levantando fortificações em todas as ilhas do Pacífico Sul, cujo mandato a Liga das Nações lhe havia outorgado.

Além disso, a pedido do povo das Filipinas, o governo dos Estados Unidos se comprometeu a lhe conceder completa independência no ano de 1946.

O ataque infame do Japão aos Estados Unidos, consequentemente, encontrou as Filipinas quase sem fortificações e protegidas apenas pelo modesto exército de bravos filipinos, auxiliados somente por duas divisões de tropas dos Estados Unidos, com uma pequena força aérea, inteiramente insuficientes para conter a força concentrada dos japoneses.

As frotas aliadas, porém, controlam o Pacífico. O Japão, após uma guerra desastrosa de quatro anos com a China, encontra-se cercado por todos os lados. Ele não tem meios de subsistência. Assim que o material de guerra atualmente em uso seja destruído, o Japão só poderá substituir com material de sua própria produção. Privado das matérias primas que ficará agora quase que impossibilitado de adquirir essa substituição será de qualidade inferior e em quantidade diminuta.

O princípio do ano de 1942 mudou o rumo dos acontecimentos.

Os Estados Unidos da América estão em guerra. A nossa produção industrial, a maior do mundo, está rapidamente alcançando o máximo. Durante o ano vindouro, produziremos uns 60.000 aeroplanos, inclusive uns 45.000 aeroplanos militares, uns 45.000 tanques, uns 300 vasos de guerra, desde os mais possantes encouraçados até as embarcações para patrulha do litoral, e uns 600 modernos navios mercantes. No treino de pilotos para aviões de combate, alcançaremos a cifra de 70.000 por ano. Já chamamos para o serviço militar todos os homens de 20 a 44 anos de idade, e deste enorme total den-



Recebendo instrução para a manobra de telêmetros.



Observando o céu, com uniforme dos artilheiros anti-aéreos.

tro em breve contaremos com um exército inicial de 3.000.000 de homens perfeitamente treinados e equipados. Gastaremos cinquenta bilhões de dólares, ou seja metade da nossa renda total anual, no ano seguinte, afim de garantir o emprego de todos os recursos nacionais no nosso esforço bélico. Cada arma que produzirmos será utilizada onde for, julgado de maior proveito para a nossa causa comum, — quer seja no Hemisfério Ocidental, nos desertos da Líbia, nas estepes da Rússia, quer no território do heróico povo da China.

Aquêles de nós que estamos nesta guerra sagrada, enfrentamos um inimigo bárbaro e cruel. O caminho que se nos depara será árduo e talvez longo. Sofreremos, sem dúvida, de quando em quando, sérios revezes. Os acontecimentos, todavia, já mudaram de rumo e prosseguirão com rapidez sempre crescente, até alcançar a meta da vitória.

Como é do conhecimento de todos vós, o meu governo não fez pedido algum, nem mesmo uma sugestão, sobre a atitude que os governos das outras Repúblicas Americanas deveriam assumir após o ataque japonês contra os Estados Unidos e a declaração de guerra pelas outras potências do Eixo.

Não agimos desta maneira na família americana de nações.

Mas permitf que vos diga, do fundo do meu coração, que a espontânea declaração de guerra contra os inimigos da humanidade por parte de nove das Repúblicas Americanas; que o rompimento de todas as relações com a Alemanha, o Japão e a Itália por parte do México, da Colômbia e da Venezuela; e que as declarações oficiais de solidariedade e apoio por parte de todas as outras Repúblicas Americanas, inclusive a nossa tradicional e dedicada nação amiga, dos bons e maus dias, a grande República do Brasil, que hoje nos hospeda, representam para o meu governo e para os meus compatriotas uma tão grande demonstração de apoio, força e estímulo espiritual que não tenho palavras adequadas com que me expresse.

Direi apenas que estes atos de fé em nosso destino comum, tão generosamente compreendidos, jamais serão esquecidos pelo povo dos Estados Unidos. Estes atos muito nos animaram. Têm-nos dado o ensejo de sermos ainda mais dignos — não em palavras, mas sim em ações — de vossa confiança. Têm-se feito ainda mais desejosos de demonstrar a nossa gratidão por meio da intensidade de poder cooperativo que podemos dispensar para garantir a vitória final da causa a que nos consagramos.

Cada um dos governos americanos determinou, e continuará a determinar, a seu próprio juízo, o rumo que seguirá para melhor atender aos interesses do seu povo neste conflito mundial. Mas estou certo que de um ponto estamos todos convictos. De acordo com as obrigações assumidas pelos tratados inter-americanos, e de acordo com o espírito da solidariedade continental unanimemente proclamada, aquelas nações americanas que não estão em guerra jamais permitirão que o seu território seja utilizado pelos agentes das potências do Eixo, para conspirações ou planos de ataque contra as repúblicas que se acham empenhadas na luta para a defesa de sua própria liberdade e da liberdade do continente inteiro.



Moças aprendendo a manobrar o calculador de tiro.

Estamos, todos nós, ao par das atividades dos agentes do Eixo em nossos vários países, reveladas durante os últimos dois anos. Sabemos como os representantes diplomáticos do Eixo — aproveitando-se da imunidade que a praxe internacional lhes proporciona para as suas funções legítimas — têm feito tudo em seu poder para envenenar as relações inter-americanas; para criar discórdia interna, e para promover conflitos domésticos, afim de preparar o campo para atividades subversivas, financiadas com fundos extorquidos dos que vivem em nossos meios, ou tranferidos dos furtos cometidos nos países ocupados da Europa. Sabemos que os seus chamados representantes consulares têm sido, de fato, os cabeças das redes de espionagem em todas as partes deste Hemisfério. A história completa dessas atividades será algum dia publicada em todos os seus detalhes, uma vez que a sua divulgação não mais seja de proveito ao inimigo.

Enquanto este Hemisfério permaneceu alheio à guerra, os nossos governos encaravam este crescente perigo da forma que julgavam mais eficaz, permutando entre si informações secretas, conforme estava previsto nos acordos em vigor, quando essa permuta era de auxílio mútuo.

A situação hoje, porém, é outra. Dez das Repúblicas Americanas estão em guerra, e três outras já romperam todas as relações com as potências do Eixo. A presença contínua desses agentes do Eixo no Hemisfério Ocidental constitui um perigo direto à defesa nacional das Repúblicas que se acham em guerra. Neste momento, não existe sequer um consul japonês ou alemão, nem um consul das potências satélites de Hitler, no Novo Mundo, que não esteja avisando a seus superiores cada vez que um navio zarpa dos portos do país em que se encontra, para que o referido navio seja afundado por um submarino do Eixo. Não existe sequer um representante diplomático das potências do Eixo em qualquer parte das Américas que não esteja à procura de informações para os seus chefes sobre os preparativos de defesa das nações americanas atualmente em guerra; que não esteja conspirando contra a segurança interna de cada um de nós; que não esteja fazendo tudo ao seu alcance para perturbar os nossos esforços de garantir a integridade da nossa liberdade e da nossa independência.

Certamente, este perigo é de suma importância para todos nós. A questão proeminente que hoje se apresenta é única-

mente que as Repúblicas atualmente em guerra não venham a ser alvo de um golpe mortal por parte dos agentes do Eixo arraigados no solo das outras Repúblicas Americanas, fruindo da sua hospitalidade.

A obediência cega às regras da neutralidade clássica, em seu sentido mais estreito, neste trágico mundo de hoje, não mais pôde ser o ideal de quaisquer dos povos das Américas que têm amor à liberdade.

Não pôde continuar a existir uma verdadeira neutralidade entre as Potências do Mal e as forças que se batem para preservar os direitos e a independência dos povos livres.

Mais vale um povo combater gloriosamente, para salvar a sua independência; mais vale a morte na batalha, si necessário for, para salvar a sua liberdade, do que agarrar-se aos farrapos do falso ideal de uma neutralidade ilusória, que só poderá resultar em suicídio.

A nossa dedicação à causa comum de defender o Novo Mundo contra a agressão não implica, necessariamente, participando na guerra. Mas tenho a convicção que implica a adoção de todas as medidas de cooperação entre nós, que redundam no nobre objetivo de conservar as Américas livres.

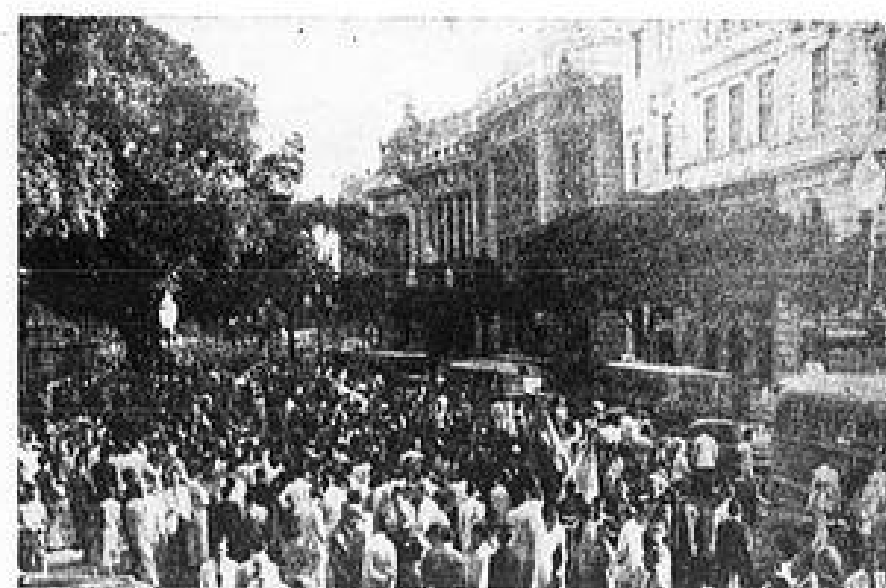
No mesmo nível de importância das medidas de solidariedade política, de cooperação de defesa, e de repressão de atividades subversivas, estão as medidas de natureza econômica com relação ao prosseguimento da guerra contra as nações agressoras e à defesa do Hemisfério Ocidental.

Todas as Repúblicas Americanas já adotaram algumas medidas, rompendo relações financeiras e comerciais entre si e as potências agressoras não americanas e eliminando outras atividades econômicas estrangeiras que sejam prejudiciais ao bem-estar das Repúblicas Americanas.

E' de suma importância que estas medidas sejam ampliadas para que possam impedir todos os negócios, transações financeiras e comerciais, entre o Hemisfério Ocidental e as potências agressoras, e todas as transações dentro do Hemisfério Ocidental que, direta ou indiretamente, redundam em benefício para as nações agressoras, ou sejam de qualquer modo nocivas à defesa do Hemisfério.

A direção da guerra e a defesa do Hemisfério exigem uma sempre crescente produção de munições, assim como uma sempre crescente fonte de materiais básicos e estratégicos indispensáveis à sua produção. O adiantamento da guerra estabeleceu várias das mais importantes fontes de materiais estratégicos, e é essencial que as Repúblicas Americanas conservem os seus estoques destes materiais, e, por todos os meios possíveis, fomentem a produção e o livre intercâmbio da maior quantidade possível destes materiais dentro do Hemisfério.

O aspecto universal da guerra vem aumentando as exigências sobre as marinhas mercantes de todos nós. O aumento da produção de materiais estratégicos de nada valerá, a não ser que transportes adequados possam ser supridos, e se torna, portanto, de importância vital que todas as facilidades de transportes marítimos das Américas sejam mobilizadas para este fim essencial.



O Brasil demonstrando sua simpatia aos povos que lutam pela Democracia, na chegada de Sumner Welles.

O governo dos Estados Unidos está disposto a cooperar com todo empenho com as outras Repúblicas Americanas em cuidar dos problemas que surgem destas medidas de defesa econômica. Está disposto a prover auxílio financeiro e técnico onde for preciso, para amenizar o prejuízo à economia interna de qualquer República Americana, resultante do controle e



Em número de 400, mulheres inglesas entregam-se ao fabrico de tanques.

repressão de atividades econômicas estrangeiras, nocivas à nossa defesa comum.

Está disposto a entrar em amplos entendimentos para a aquisição de materiais básicos e estratégicos e a cooperar com cada uma das Repúblicas Americanas, afim de aumentar, rápida e eficientemente, a sua produção para as necessidades de emergência. Finalmente, está disposto, por intermédio da Comissão Marítima dos Estados Unidos, a prestar todo o auxílio para o tráfego eficiente dos navios mercantes, de acordo com o plano de 29 de agosto de 1941, da Comissão Consultiva Inter-Americana de Finanças e Economia.

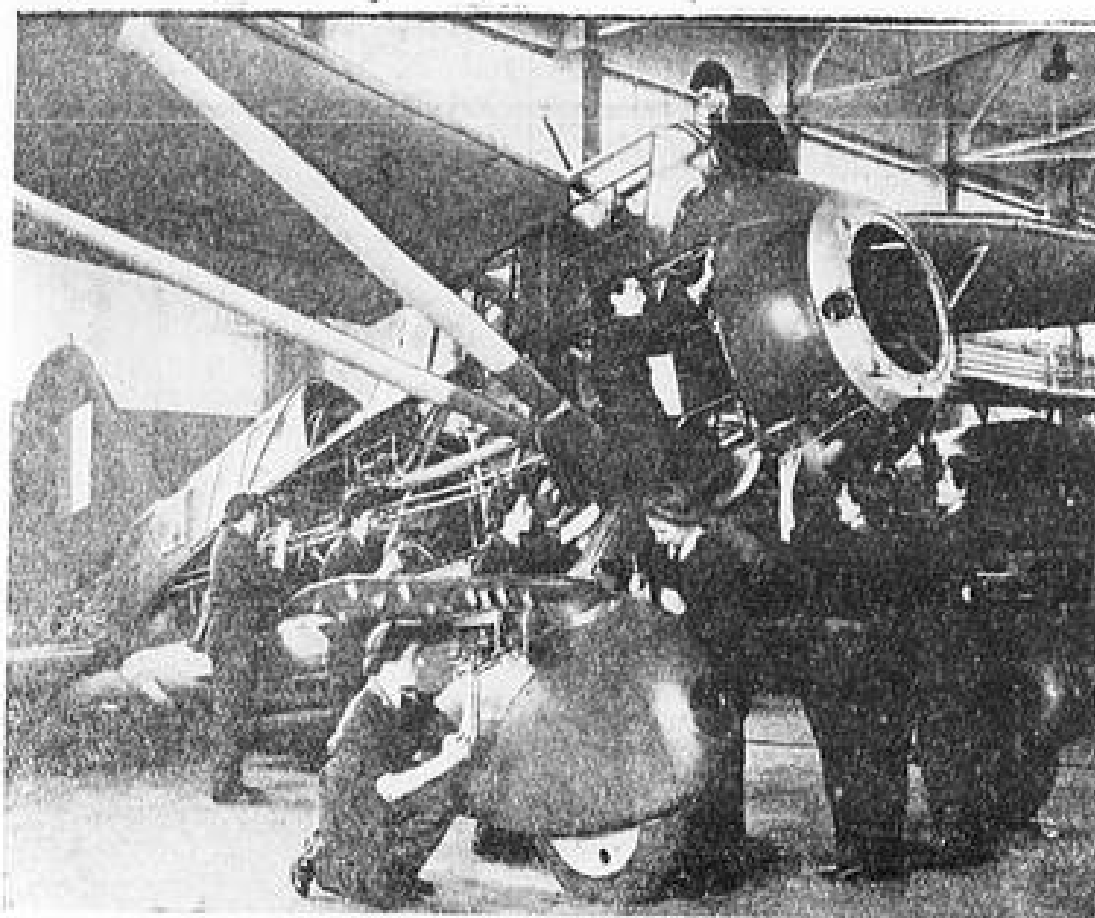
O meu governo também reconhece perfeitamente o papel importante que os materiais e artigos importados representam na manutenção das economias de vossas nações. Em 5 de dezembro de 1941, comuniquei à Comissão Consultiva Inter-Americana de Finanças e Economia em Washington que, dentro do seu programa de defesa, os Estados Unidos estavam enviando todos os esforços para manter um fornecimento constante às outras Repúblicas Americanas de materiais para satisfazer as necessidades mínimas de importação, essenciais às vossas economias. Disse, ainda, que a política do meu governo estava sendo interpretada por todas as repartições competentes como uma política que reconhece e atende às necessidades essenciais das Repúblicas Americanas em igualdade de condições ao tratamento dispensado às necessidades civis dos Estados Unidos.

O ataque japonês e as declarações de guerra dos demais membros do Pacto Tripartite resultaram em exigências maiores e sem precedentes as nossas facilidades de produção. Hoje, porém, posso adiantar, como já o fiz no dia 5 de dezembro passado, que a política dos Estados Unidos, para satisfazer as vossas necessidades essenciais, continua inabalável.

Em 26 de dezembro de 1941, após o rompimento da guerra, a Comissão Econômica de Guerra do meu governo resolveu unanimemente.

"E' a política do governo dos Estados Unidos auxiliar na manutenção da estabilidade econômica das outras Repúblicas Americanas pelo reconhecimento e suprimento de suas necessidades civis essenciais numa base de consideração proporcional e igual às nossas."

Atendendo a esta declaração de política, a nossa quota reservada de 213.600 toneladas de folha de flandres para as vossas necessidades, durante este ano, foi seguida de quotas adicionais, que hoje tenho o prazer de revelar. O Serviço de



Mecânicas, reparando e fabricando aviões.

Controle da Produção me comunicou que vos foram concedidas reservas para o próximo trimestre em quantidade adequadas para satisfazer as vossas necessidades de rayon; de vinte produtos químicos para a agricultura e indústria considerados essenciais, inclusive sulfato de cobre, sulfato de amônio, carbonato de sódio e soda cáustica; de máquinas agrícolas e de produtos de ferro e aço.

Posso ainda revelar que foi elaborado um método especial ao Serviço de Controle da Produção, que agora muito facilita a expedição de vossos pedidos de prioridades.

Em vista disso, pôde verificar-se que o arsenal da democracia continua conciente de suas responsabilidades para com este Hemisfério.

E estou certo que o vosso povo se unirá ao povo dos Estados Unidos, que compartilha os seus supêrimentos civis convosco, reconhecendo que as necessidades militares e de defesa devem continuar a ter precedência sobre as necessidades civis.

Todas essas medidas econômicas têm relação direta ao prosseguimento da guerra, à defesa do Hemisfério e à manutenção das economias de nossas diversas nações durante a emergência da guerra. E' patente que os nossos maiores esforços deverão ser em prol da vitória. Entretanto, a consumação da vitória deve incluir a criação de uma ordem social e econômica, na qual todos os nossos cidadãos possam, eventualmente, desfrutar das bênçãos da paz.

O meu governo julga que devemos desde já começar a executar planos vitais à defesa humana do Hemisfério, para o melhoramento de condições de saúde e higiene, a provisão e manutenção de fornecimentos adequados de víveres, leite e água, e o controle efetivo de doenças contagiosas e transmissíveis por insetos. Os Estados Unidos estão dispostos a se empenhar e incrementar acordos complementares entre as Repúblicas Americanas para cuidar destes problemas de saúde e saneamento pelo suprimento, de acordo com as condições dos países participantes, de fundos, matérias primas e serviços.

A responsabilidade que recai sobre nós exige que façamos planos para um vasto desenvolvimento econômico e social, para o aumento da produção das necessidades mundiais, e para a sua distribuição equitativa entre os povos. Se esta reabilitação econômica do mundo se der, é indispensável que haja um reerguimento do comércio internacional — comércio internacional como foi definido pela Segunda Reunião de Ministros Exteriores em Havana, empreendido "com fins pacíficos, baseados na igualdade de tratamento e procedimentos justos e equitativos de intercâmbio".

Recomendo-vos a necessidade imperativa de união entre nós, não só nas medidas a serem agora adotadas para a defesa do nosso Mundo Ocidental, mas também para que as Repúblicas Americanas, intimamente unidas, possam provar que representam o potente fator, que de direito devem ser, na delimitação da natureza do mundo futuro após a vitória.

Nós, as nações americanas, somos os guardas da civilização cristã. Em nossas próprias relações desejamos demonstrar um respeito escrupuloso pelos direitos soberanos de todos os Estados, procuramos empregar somente métodos pacíficos para solucionar as controvérsias que tenham surgido entre nós, e desejamos seguir o caminho da moral e da justiça em nossas relações com outrem.

Com a restauração da paz, é do interesse do mundo inteiro que as Repúblicas Americanas apresentem uma frente única e sejam capazes de fazer e agir com a autoridade moral a que têm direito, não só devido a seus padrões esclarecidos, como também por motivo de seu vulto e seu poder.

Todos os povos do mundo, elevam suas preces para que a tarefa de paz, quando novamente empreendida, tenha melhor êxito do que em 1919. E não podemos nos esquecer que desta vez esta tarefa será muito mais árdua que da vez passada.

Para determinar como melhor solucionar estes tremendos problemas, a voz unida dos povos livres da América terá de ser ouvida.

Durante toda a história, os ideais que os homens mais entusiasmadamente nutriram provaram ser mais fortes que qualquer outro fator. Nem conquistas, nem migrações; nem pressão econômica, nem peste; nem revoltas, nem assassinatos, jamais conseguiram triunfar sobre os ideais que surgiram dos corações e dos cérebros da humanidade.

A pesar dos hediondos êrros da geração passada, a pesar do holocausto deste momento, o grande ideal do "domínio universal do direito pelo concerto dos povos livres que trará paz e segurança a todas as nações e que, finalmente, libertará o próprio mundo", ainda se ergue sem mancha como o objetivo supremo de uma humanidade sofredora.

Aquele ideal ainda virá a triunfar.

Nós, os povos livres das Américas, devemos tomar parte ativa neste empreendimento, afim de apressar o dia em que, desta forma, poderemos assegurar a preservação de um mundo pacífico, onde nós, nossos filhos e os filhos de nossos filhos, possamos viver com segurança.

A questão, neste momento, se define claramente. Não poderá haver paz enquanto o Hitlerismo e os seus parasitas monstruosos não forem completamente obliterados e enquanto os militares prussianos e japoneses não aprenderem, na única linguagem compreendida por eles, que jamais lhes será dada a oportunidade de arruinar as vidas de geração após geração de homens e mulheres de todas as partes do mundo.

Quando isso se der, homens de boa vontade, com uma nova visão, deverão estar preparados e aptos a obrar sobre bases novas e duradouras de liberdade, moralidade e justiça, e não menos de inteligência.

Para atingir este nobre objetivo, o grau de nossa dedicação será a medida da regeneração do mundo."

Ao encerrar esta nossa crônica, trazem os jornais a queda de Molatsk, fugindo os alemães para Viazma, continuando os Russos a expulsar do território nacional o inimigo. E' uma grande alívio esta ofensiva russa. Aqueles, porém, que temem uma Vitória Russa, ou melhor, aqueles que temem a Rússia, assinando a Paz, em Berlim, ao lado da Inglaterra e dos Estados Unidos, lembramos que a Rússia de hoje não é a Rússia de 15, 16 e três anos atrás. A Rússia de hoje é a Rússia, voltando ao Império do razão, é a Rússia que dará plena liberdade de culto, nessa Paz que será imposta pelas potências que vencerão a guerra, é a Rússia, atendendo aos desígnios do Santo Padre Pio XII, quando diz que é preciso que cessem as perseguições religiosas, é a Rússia enviada de uma guerra, onde perdeu milhões de homens, é a Rússia reconhecendo seus êrros, porque é humano errar, e dispondo-se a entrar para o concerto das nações livres, é a Rússia, ontem teatro de cenas tão deploráveis, e hoje cooperando para a ordem e tranquilidade dos povos, é a Rússia pela qual tanto rezamos e satisfeitos ficamos, vendo atendidas por Deus as nossas orações; é a RÚSSIA enchendo de consolações o Coração do Pai comum da Cristandade. O comunismo passou: Hitler pensou de enganar o povo, lançando-se com furor sobre a Rússia para libertar o mundo do comunismo. Enganou-se redondamente, porque encontrou um povo forte, porque unido. E é este povo forte e unido que, em cooperação com a Inglaterra e os Estados Unidos, libertará o mundo do NAZISMO! Os papéis estão invertidos! Deixemos de assustar o mundo com o comunismo, hoje ninguém mais acredita nisso, uma coisa muito mais séria preocupa a humanidade: O Nazismo sanguinário! muito pior do que foi o comunismo, na linguagem hoje aceita por todos, quando se diz que o "Comunismo cobriu a Igreja do tráfego, com o sangue dos mártires, ao passo que o NAZISMO encheu a Igreja de apóstatas da fé, os simples católicos, e apóstatas do Sacramento da Ordem, os sacerdotes, e apóstatas da Religião — os Religiosos — Quadro verdadeiramente tristíssimo!

Nas frentes da África e do Japão continuam as operações militares: Na África, os Ingleses penetram na Tripolitânia; e, no Japão, os Nipônicos forçam Singapura, de um lado, sendo derrotados pelos Chineses, de outro.

Os sorrisos de N. S. Menina



Celebraram-se umas núpcias em Caná da Galiléia, e estavam ali a Mãe de Jesus. E foi também convidado Jesus e os seus discípulos às bodas e, faltando o vinho, a Mãe de Jesus lhe disse: eles não têm vinho. E Jesus lhe respondeu: Mulher, que tenho eu e tu com isso? a minha hora ainda não chegou. Disse a Mãe aos que serviam: fazei tudo o que Ele vos disser. Ora, estavam ali seis talhas de pedra, postas para servirem às purificações dos judeus, em cada uma das quais cabiam duas ou três medidas. Jesus lhes dis-

se: Enchei de água estas talhas. E chegaram-nas até em cima. Então lhes disse Jesus: tira agora e levaí ao mestre-sala. E eles lhes levaram. Mas assim que o mestre-sala provou a água mudada em vinho, como não sabia de onde era, ainda que o sabiam os serventes que haviam tirado a água, chamou ao espóso e disse-lhe: todo o homem põe primeiro o bom vinho, e depois de terem bebido bem, então apresenta o que é inferior; tu, porém, tiveste o bom vinho guardado até agora. Este foi o primeiro dos milagres que fez Jesus estando em Caná de Galiléia, e assim manifestou a sua glória, e os seus discípulos creram nele. (S. João, 2-4-11).

RIO DE JANEIRO — Eslier Sena, casada, residente à Praia do Flamengo, 314, agradece à N. S. Menina uma grande graça alcançada.

RIO DE JANEIRO — Mayar Teixeira de Souza, casada, residente à Rua Pareto, 33, agradece à N. S. Menina a cura de sua filha, Lúcia Maria.

RIO DE JANEIRO — Itala Barra da Silva, casada, residente à Rua Barão de Ilapagipe, 405, agradece à N. S. Menina uma grande graça alcançada.

RIO DE JANEIRO — Margarida Costa, solteira, residente no Sodalício de S. José, Rua do Bispo, 85, agradece à N. S. Menina a sua cura.

RIO DE JANEIRO — Leopoldina das Chagas, solteira, residente à Rua do Bispo, 83 — Sodalício de S. José — agradece à N. S. Menina a sua cura de uma ameaça de congestão cerebral.

RIO DE JANEIRO — Teresa Vezeh, casada, residente à Rua General Roça,

615, agradece à N. S. Menina sua cura.

RIO DE JANEIRO — Júlia Soares, viúva, residente à Rua Basílio de Brito, 48, agradece à N. S. Menina sua cura de cólicas de fígado e rins.

RIO DE JANEIRO — Dalva Rodrigues, casada, residente à Rua Gonzaga Bastos, 378, agradece à N. S. Menina a nomeação de seu marido.

RIO DE JANEIRO — Aleina Dias Martin, casada, residente à Rua Vicente Licínio, 113, agradece à N. S. Menina ter sua filha passada nos exames.

RIO DE JANEIRO — Celestina Alves, residente à Rua D. Zulmira, 42, agradece à N. S. Menina duas graças alcançadas.

RIO DE JANEIRO — Estando meu filhinho Joel gravemente enfermo da garganta, ficando completamente afônico, recorri à proteção de Maria Santíssima Menina, ficando o mesmo completamente bom em três dias. Como testemunho do meu agradecimento a Nossa Senhora Menina, peço seja publicada esta graça — Rio de Janeiro, 25 de Dezembro de 1941 (a) Jair Marques de Sá Freire.

RIO DE JANEIRO — Elisa Alves Coentro, agradece à N. S. Menina uma grande graça alcançada e envia 580000.

RIO DE JANEIRO — Marilda Auran, agradece à N. S. Menina uma grande graça alcançada e envia 580000.

RIO DE JANEIRO — Maria de Lourdes Lelis Ferreira, casada, residente à Rua Marquês de S. Vicente, 429 — ap. 1, agradece à N. S. Menina duas graças, sendo uma a cura do seu marido e a outra concedida a ela mesma.

"O MENSAGEIRO" NO LAR

LÍNGUA FUMADA

A língua salgada deve ficar de molho durante vinte quatro horas, antes de ser preparada, mudando-se a água pelo menos três vezes. Deve-se cozinhar em bastante água, permanecendo no fogo três horas mais ou menos. Tirada a pele grossa e aparadas as partes que ficam escuras, passa-se em ovos, cobre-se com farinha de roscas e vai ao forno para secar. Pinta-se com ovos umas duas vezes, para que fique mais grossa a casca. Pode-se servir quente com petit-pois, ou batatas ensopadas, assim como também pode-se servir com frios.

VITELA ENSOPADA

Toma-se meio quilo de carne de peito, cortada em pedaços pequenos, tendo-se temperado antes com vinhas de alho. Vai ao fogo uma caçarola com um pouco de gordura e uma colher de manteiga. Derreida esta, juntam-se-lhe os pedaços de vitela que se vai mexendo até corarem; então polvilha-se com duas colheres de farinha de trigo. Quando estiver desfeita e escura, juntam-se dois copos de água, pimenta, cheiros e uma dúzia de cebolinhas. Tapa-se a caçarola e deixa-se cozinhar lentamente. Serve-se com petit-pois, champignons ou ervilhas.

PUDIM CHINÊS

Misturam-se numa vasilha: 400 gramas de açúcar, 15 gemas bem batidas, 115 gramas de manteiga e na hora de ir para o fogo, acrescentam-se 460 gramas de coco ralado; mexe-se bem e põe-se em forma untada com manteiga. Forno regular.

SUSPIROS DE AMÊNDOAS

250 gramas de amêndoas, 400 gramas de açúcar bem seco, sete claras. Batem-se bem as claras, junta-se-lhes o açúcar e bate-se até ficar bem consistente, depois juntam-se as amêndoas moídas. Põe-se em caixinhas de papel, ou em tabuleiros ligeiramente untados com manteiga e polvilhados com farinha de trigo.

TORTA DE AVEIA

250 gramas de açúcar, 250 gramas de manteiga, 250 gramas de farinha de aveia. Bate-se a manteiga, junta-se-lhe o açúcar e bate-se bem; em seguida, juntam-se três gemas, mistura-se a farinha e, por último, acrescentam-se três claras batidas em neve. Assa-se em forma untada com manteiga. Forno regular.

FAZENDAS POR ATACADO
G. NAHUM GANEM & CIA.
 PRACA DA REPUBLICA, 114
 TELEFONE: 43-6441
 End. Tel. NAHUMGANEM



Vestido com re-
 corte formando
 bolso; a saia com
 frazido na fren-
 te e atrás.

Vestido confeccionado em
 linho com decote quadra-
 do e a saia com pregas na
 frente.



Blusa em cambrã de linho com pala-
 tendo como adorno dois bolsos.
 (Outro modelo com mangas compridas.
 Blusa confeccionada em fina cambrã
 com palma na frente fazendo bicos.

A Catedral de S. Paulo em Londres

Júlio César Machado



Diante de S. Paulo pára-se, pasma-se, admi-
 ra-se, mas não se extasia a gente: é enorme sem
 ser belo.

Está a Igreja de S. Paulo entre *London Brid-
 ge* (Ponte de Londres) e a porta da cidade, isto
 é, no sítio mais animado e ruidoso de Londres. A
 vista amedronta-se ao fixar aquela montanha,
 que parece estar desafiando a basílica de S. Pe-
 dro, em Roma. O *cicerone*, explicando a mons-
 truosidade, faz-nos revelações curiosas e diz-nos
 quanto custou, *penny por penny*, vintem por vin-
 tem, a edificação dessa obra gigantesca, que pare-
 ce aguentar sem esforço a fria majestade de cúpu-
 la. O interior do templo é uma série de maravi-
 lhas; as pinturas da cúpula que representam diver-
 sas cenas da vida de S. Paulo, são com justiça con-
 sideradas em Inglaterra como a expressão da sua
 melhor pintura. Dos lados tudo é cheio de cape-
 las com monumentos fúnebres: são mais de cem
 túmulos em que há para notar excelentes traba-
 lhos de esculturas de uma concepção fecunda e ori-
 ginal.

O *cicerone* conta alguns casos históricos rela-
 tivos á Igreja, que não são destituídos de interê-
 se. Diz êle, por exemplo, que o autor das pintu-
 ras da cúpula, que é um pintor arrevesado e pouco
 sabido, estava pintando, suspenso no ar, em cima
 de umas tábuas sem costas. Ao terminar a cabeça
 de S. Paulo, em companhia de um amigo, quis
 julgar do efeito que já produzia o seu trabalho e,
 segundo o costume dos artistas, recuou para ob-
 servar a distância. O amigo vê-o recuar, recuar e
 estar a ponto de cair, porque chegara á extremida-
 de da última tábua; então, sem soltar uma pala-
 vra, foi-se á cabeça do santo e deu-lhe umas pou-
 cas pinceladas. O pintor cresceu para êle a segu-
 rar-lhe a mão, e o outro respondeu sorrindo:

— Estavas morto, senão fosse isto.

Casamento



Dezembro:

26 — Realizou-se na Basílica de Santa Teresinha do Menino
 Jesus, o enlace matrimonial do Dr. Joaquim dos Santos com a
 Senhorinha Iolanda Tourinho. Desejamos muitas felicidades a
 ambos e uma vida longa de afetos puros.

Histórico da devoção de Nossa Senhora Menina

A DEVOÇÃO DE N. S. MENINA NÃO É TÃO RECENTE, COMO A MUITOS PARECE

A devoção de N. S. Menina não é tão recente, como a muitos parece.

Com o IMPRIMATUR do Exmo. Monsenhor R. de Cabrières, Vigário Geral de Nîmes, na França, para uso particular, composta por dois sacerdotes dessa diocese, a pedido de pessoas piedosas, foi aprovada a seguinte Ladainha em honra da Infância da Santíssima Virgem, em 29 de Agosto de 1873.

Senhor, tende piedade de nós.
Jesus Cristo, tende piedade de nós.
Senhor, tende piedade de nós.
Jesus Cristo, ouvi-nos
Jesus Cristo, atendei-nos
Fai Celeste, que sois Deus, tende piedade de nós.
Filho Redentor do mundo, que sois Deus, tende piedade de nós.

Espírito Santo, que sois Deus, tende piedade de nós.
Santíssima Trindade, que sois um só Deus, tende piedade de nós.

Maria Santíssima Menina, filha de Deus Padre,
Maria Santíssima Menina, delícia de Deus Filho,
Maria Santíssima Menina, Espôsa eleita do Espírito Santo.

Maria Santíssima Menina, terra privilegiada de onde deveria nascer o Salvador do Mundo,
Maria Santíssima Menina, suspirada pelos Patriarcas.

Maria Santíssima Menina, cantada pelos Profetas.

Maria Santíssima Menina, esperança dos Justos da antiga lei.

Maria Santíssima Menina, concebida sem pecado.

Maria Santíssima Menina, mais bela do que Eva no estado de inocência.

Maria Santíssima Menina, glória e alegria de Joaquim e Ana.

Maria Santíssima Menina, cuja Natividade alegrou a Corte Celeste.

Maria Santíssima Menina, cujo berço foi circundado pelos Anjos.

Maria Santíssima Menina, cujo nome foi trazido do Céu.

Maria Santíssima Menina, nome tão querido pelas filhas de Sião.

Maria Santíssima Menina, nome mais doce do que o mel.

Maria Santíssima Menina, encanto das mães cristãs.

Maria Santíssima Menina, rebento dos reis de Judá.

Maria Santíssima Menina, flor de Jessé.

Maria Santíssima Menina, lírio dos vales.

Maria Santíssima Menina, rosa de Jericó.

Maria Santíssima Menina, branca pomba dos cânticos.

Maria antíssima Menina, porta do Divino Libertador.

Maria Santíssima Menina, mais brilhante que a estrela da manhã.

Maria Santíssima Menina, mais brilhante que a aurora.

Maria Santíssima Menina, aurora do Sol de Justiça.

Maria Santíssima Menina, receptáculo dos divinos colóquios.

Maria Santíssima Menina, apresentada no templo aos três anos de idade.

Maria Santíssima Menina, primícia das Virgens da nova aliança.

Maria Santíssima Menina, o tesouro mais precioso do templo de Jerusalém.

Maria Santíssima Menina, cuja oração exalava perfume maior que o incenso do santuário.

Maria Santíssima Menina, cujo coração era mais agradável a Deus, que o sacrifício das vítimas mais puras.

Maria Santíssima Menina, ansiosa pela vinda do Messias.

Maria Santíssima Menina, desejosa de prestar serviços à Mãe do Redentor.

Maria Santíssima Menina, exemplo de silêncio.

Maria Santíssima Menina, exemplo de simplicidade.

Maria Santíssima Menina, exemplo de modestia.

Maria Santíssima Menina, exemplo de humildade.

Maria Santíssima Menina, exemplo de obediência.

Maria Santíssima Menina, exemplo de assiduidade ao trabalho.

Maria Santíssima Menina, modelo de todas as crianças.

Maria Santíssima Menina, modelo de todos os cristãos.

Cordeiro de Deus, que tirais os pecados do mundo, perdoai-nos, Senhor.

Cordeiro de Deus, que tirais os pecados do mundo, ouvi-nos, Senhor.

Cordeiro de Deus, que tirais os pecados do mundo, tende piedade de nós.

Rogai por nós, Maria Santíssima Menina.

Para que sejamos dignos das promessas de Cristo.

Oração

Ó Deus, que enriqueceste de todos os tesouros da vossa graça a Santa Infância da gloriosa Virgem Maria, a quem honramos com piedade toda filial, fazei que nos tornemos semelhantes às crianças, para entrarmos um dia no reino dos céus, que nos foi prometido por Jesus Cristo Nosso Senhor. Assim seja.

Rogai por nós

Santa Inez

O maior elogio de Inez nós encontramos no Apocalipse de S. João. Apocalipse é uma palavra grega, que significa revelação. Com efeito, neste livro, S. João se refere misteriosa e profeticamente aos sucessos mais importantes da Igreja desde a primeira até à segunda vinda de Jesus Cristo, na qual, debelados todos os seus adversários, entrará com seus escolhidos triunfante na eterna possessão do reino de Deus. Sobre este livro escreve S. Jerônimo a Paulino: "O Apocalipse de S. João tantas palavras tem, tantos mistérios encerra. Disse pouco. Atendendo ao merecimento do volume, todo o elogio que se lhe pode fazer, ainda lhe é inferior. Em cada uma de suas palavras se contém uma grande multiplicidade de sentidos". Escreveu S. João o Apocalipse, quando desterrado na ilha de Patmos.

Alma pura, simples e bela, a de Inez, eu só poderia buscar neste livro sublime o elogio que o próprio Deus faz dela:

"São virgens... Estes seguem o Cordeiro onde quer que ele vá. Foram comprados entre os homens, primícias para Deus e para o Cordeiro. Na sua boca não se achou mentira, porque estão sem mancha diante do trono de Deus".

Exteriormente, bela, Inez no corpo refletia toda a beleza da sua alma. Cor-



SAINTE AGNÈS.
Vierge et Martyre.

po e alma outro senhor não poderiam ter a não ser o Cordeiro sem mancha, a quem ela se consagrou com o voto de virgindade.

Rejeitando todas as propostas de matrimônio, por despeito, foi denuncia-

da por um dos seus pretendentes como cristã.

Preferiu os suplicios à perda da sua castidade.

Ameaçada de ser colocada num lugar infame, si não adonasse à Minerva, respondeu: *Nosso Senhor Jesus Cristo não permitiria que seu corpo fosse profanado, porque o Ele tinha sido consagrado.*

Conduzida ao lugar de prostituição, Deus a protegeu visivelmente, não permitindo que ninguém a tocasse. Um malvado lançou seu olhar sobre Inez e teve castigo imediato.

Com grande admiração dos seus carnífezes, entrega-se a todas as torturas, com a impavidez que lhe vinha do alto e que lhe dava força para deixar queimar suas mãos antes que oferecer incenso aos deuses, fazendo primeiro o sinal da cruz perante os sacerdotes réus de idolatria.

Alegre caminha para o suplicio, porque sua alma estava madura para a vitória e sua frente para a coroa do martírio.

— *Porque tardas?* diz ela ao carnífice, *destrói este corpo exposto a afetos que eu não quero.*

Os carnífezes tremem. Os assistentes se comovem. *Ela forte e alegre.*

Devorada pelo amor de Deus, nada eram aqueles tormentos para Inez.

HINO DE AMOR



João de Deus.

Andava um dia,
Em pequenino,
Nos arredores
De Nazaré,
Em companhia
De S. José,
O Deus-Menino,
O Bom Jesus.
Eis senão quando
Vê num silvado
Andar piando,
Arrepiado
E esvoagando
Um ronzinol,
Que uma serpente
De olhar de luz
Resplandecente
Como a do sol,
E penetrante
Como diamante,
Tinha atraído,
Tinha encantado.

Jesus, doido
Do desgraçado
Do passarinho,
Sai do caminho,
Corre apressado,
Quebra o encanto;
Foge a serpente;
E de repente
O pobrezinho,
Salvo e contente,
Rompe num canto
Tão requetado,
Ou antes pranto
Tão soluçado,
Tão repassado
De gratidão,
Duma alegria,
Uma expansão,
Uma veemência,
Uma expressão,
Uma cadência,
Que comovia
O coração!

Jesus caminha,
No seu passeio,
E a avezinha,
Continuando
No seu garjeio,
Enquanto o via,
De-vez-em-quando,
Lá lhe passava
À dianteira,
E mal pousava,
Não afrouxava
Nem repetia,
Que redrobava
De melodia!
Assim foi indo
E o foi seguindo,
De tal maneira
Que, noite e dia,
Numa palmeira
Que havia perto
Donde morava
Nosso Senhor
Em pequenino,
(Era já certo),
Ela lá estava,
A pobre ave,
Cantando o hino,
Terno e suave,
Do seu amor
Ao Salvador!

Terrenos a
Prestações

TIJUCAMAR S/A

Telefone
23-0554

Rua 7 de Setembro, 54-1
Rio de Janeiro

MENSAGEIRO N. S. MENINA

— 26 —

RIO DE JANEIRO
RUA SENADOR POMPEU, 90
TELEFONE 23-2952

SÃO PAULO
RUA PIRES DO RIO, 486
TELEFONE 3-4011

Expresso Flamengo Ltda.
TRANSPORTES RÁPIDOS E SEGUROS
DOMICILIO A DOMICILIO

SERVIÇO EXCLUSIVAMENTE
RODOVIÁRIO

— 27 —

MENSAGEIRO N. S. MENINA



S
J
O
B
O
S
C
O

No dia de Páscoa do ano de 1934, S. Santidade o Papa Pio XI, de saudosa memória, na Basilica de S. Pedro em Roma, canonizava aquele que para todos nós será sempre Dom Bosco.

João Bosco, nascido a 16 de Agosto de 1815, na aldeia de Becchi, no Piemonte, na Itália, desde a mais tenra idade exercen sempre sobre as crianças uma ascendência grande, pela sua inocência e bondade.

Enquanto apascentava os rebanhos no campo, Deus lhe manifestou, numa visão a sua futura missão, vendo aos milhares carneiros e ovelhas que dele se aproximavam.

A' BEIRA MAR

Luiz Guimarães

O sol sem raios sobre o mar desmaia:
A tarde, meigamente surpreendida,
Desdobra o manto... A vaga entorpecida
Rola na areia túmida da praia.

O céu é como fúlgida cambraia
Que envolve a Terra-noiva adormecida;
Ouvem-se ao longe os sinos de uma ermida,
E a lua nova no horizonte raia.

Tudo se acalma: — as virginais estrélas
Rebentam como um turbilhão de flores,
Destacadas de angélicas capelas;

E, através desses magos resplendores,
Vêm aproando á terra as largas velas,
Ao som da voz dos tardos pescadores.

MENSAGEIRO N. S. MENINA

Do presbitério de Castelnovo de Asti, passou para o Seminário de Chiari, onde se ordenou sacerdote.

Fixando sua residência em Torino "fez-se tudo para todos", realizando "por sua confiança em Deus" obras extraordinárias, apesar de vivissimas oposições e obstáculos humanamente insuperáveis.

Desejoso de acudir aos adolescentes, especialmente às classes pobres e desamparadas, fundou, em 1852, a Congregação dos Salesianos e, em 1875, as Filhas de Maria Auxiliadora.

A partir de 1875, deu a essa obra o máximo desenvolvimento pela criação da União dos Cooperadores Salesianos, fundando "por zelo das almas e para a propagação da fé", estabelecimentos nos países de Missão. Por isso, a Igreja compara João Bosco a Abraão que, "mercê da sua fé, tornou-se o pai de uma grande multidão, conforme lhe fora predito".

Tendo-se feito assim "Pai e Mestre" de numerosos adolescentes, Dom Bosco os dirigiu com muito entendimento e com uma prudência que a liturgia assemelha à de Salomão.

Seu Coração, "tão vasto como as praias do mar", foi, diz Pio XI, "um coração de ouro verdadeiramente maternal e que conheceu todas as ternuras para com os mais pobres e os menores entre os pobres e pequenos."

Como São Francisco de Sales, a quem entregou o patrocínio do seu Instituto, fez tudo com um espírito de caridade divina, esquecido de si mesmo para a glorificação de Deus e salvação das almas. Imitando o grande Doutor e tendo presente a doutrina de S. Paulo, foi "manso e humilde de coração", cultivando a santa alegria, a amabilidade, a ação de graças, a bondade, a docura, temperada com a energia, quando reclamado pelos interesses de Deus, das almas e da Santa Igreja, tendo pelo Pontífice Romano verdadeira devoção.

As ameaças não o amedrontavam; os trabalhos não o fatigavam; as preocupações não o oprimiam; as adversidades não o perturbavam; tendo sempre seus olhos fixos em Deus.

A mocidade tem em S. João Bosco seu grande protetor.

Na mão de Deus

Antero de Quental

Na mão de Deus, na sua mão direita,
Descansou afinal meu coração,
Do palácio encantado da ilusão
Desci a passo e passo a escada estreita.

Como as flores mortais, com que se enfeita
A ignorância infantil, despojo vão,
Depus do ideal e da paixão
A forma transitória e imperfeita.

Como criança em lóbrega jornada
Que a mãe leva ao colo agasalhada
E atravessa, sorrindo vagamente,

Selvas, mares, areias do deserto...
Dorme o teu sono, coração liberto,
Dorme na mão de Deus eternamente.

— 28 —

FOLHETIM

SANTA BERNADETTE

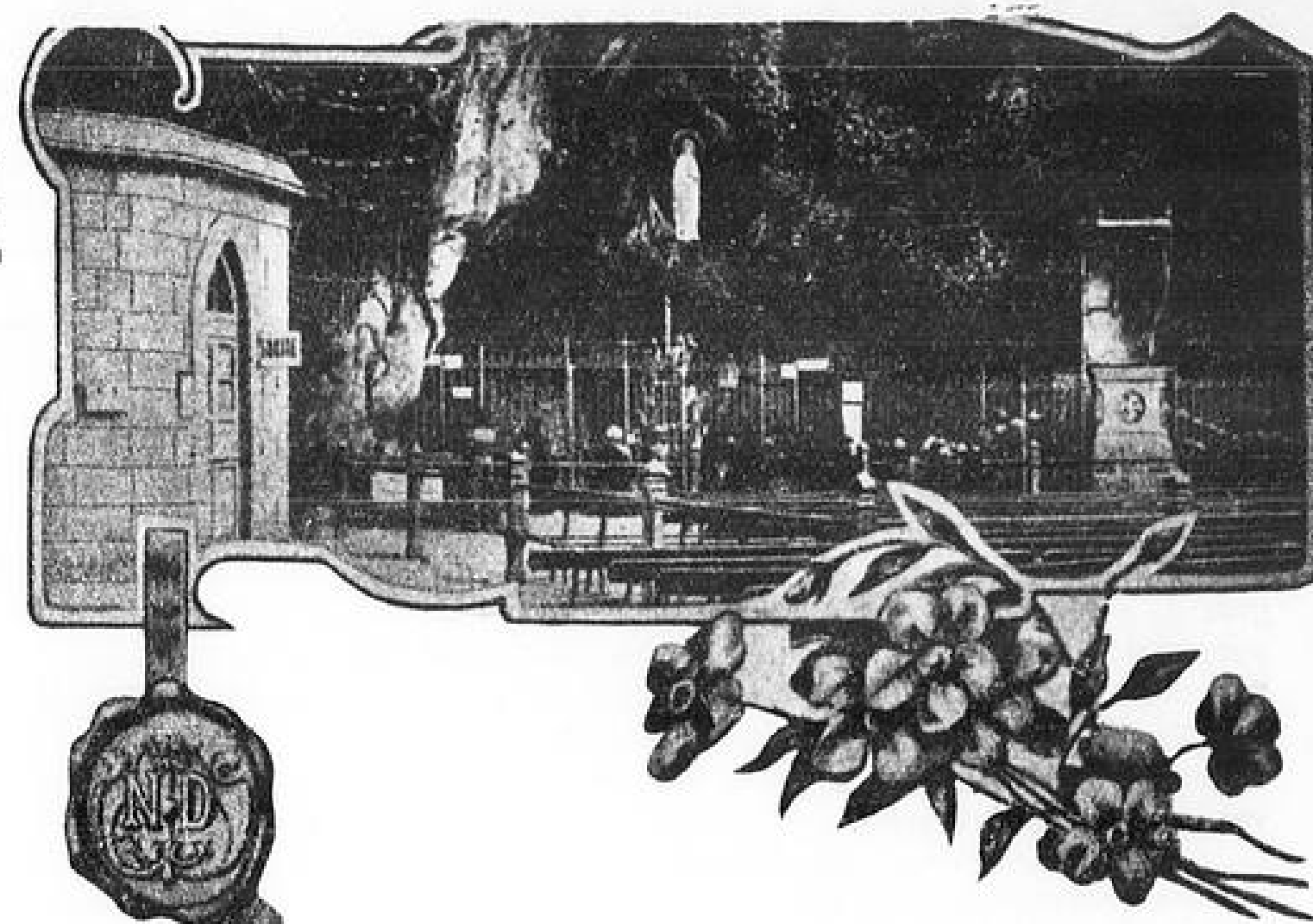
Versão de A. Peixoto do Amaral

A VIDA PÚBLICA

Livro I

Bernadette e as Aparições

(Continuação)



Tal era o princípio íntimo, a que se devia remontar, para achar a origem oculta da fonte milagrosa, e era bom que os officios celebrados no seu ponto de partida, no lugar em que se acabava de penetrar, fossem os próprios a guiar o espirito para estas místicas alturas. Quanto aos resultados práticos, quanto aos efeitos exteriores que devia produzir por fora essa fonte da Aparição, seria preciso naturalmente pedir a interpretação e o segredo, não ao centro e ao ponto de partida, não tão pouco ao círculo restricto e á festa excepcional de uma diocese particular, mas aos officios universais que a Igreja Católica, Apostólica, Romana, celebrava por toda a parte a essa hora, no mundo inteiro. Ora, nesse mesmo dia, 26 de fevereiro de 1858, sexta-feira da primeira semana da quaresma, o Evangelho da missa continha estas palavras, que não carecem de reflexões: "Havia em Jerusalém a Piscina Probatica, chamada em hebraico Bethesda. Tem cinco pórticos, sob que jazia uma grande multidão de doentes, de cegos, de coxos, de paralíticos, esperando o movimento das águas. Porque o Anjo do Senhor descia a um certo momento na Piscina, e a água agitava-se. E aquele que, primeiro, depois do movimento da água, se introduzia na piscina, era curado da sua enfermidade, fosse ela qual fosse."

Posto que ninguém na multidão pudesse fazer tais comparações, a idéia de que as águas da fonte que jorrava na Gruta podiam curar as doenças, chegou ao mesmo tempo ao espirito de todos. Durante esse próprio dia, começou a espalhar-se por todos os lados a notícia de curas maravilhosas. No meio das versões contraditórias que circulavam, na presença da sinceridade de uns, da exageração voluntária ou involuntária de outros, da absoluta negação de muitos, das hesitações e da perturbação de um grande número e da emoção universal, era difficil discriminar o falso do verdadeiro, entre os fatos miraculosos, que de todas as partes se afirmavam, mas que eram contados de diferentes formas, ora estropiando-lhes os nomes, ora confundindo as pessoas, ora misturando circunstâncias de muitos episódios diferentes e estranhos um do outro.

Nunca aconteceu ao leitor, ao passar no campo, lançar bruscamente um punhado de trigo num formigueiro? Si tal fez, de certo, viu as formigas atrapalhadas, correndo de um lado para o outro, numa agitação extraordinária: vão, vêm, cruzam-se, abalroam-se, param, tornam a andar, voltam para trás, afastam-se de repente do ponto para onde pareciam correr, apanham um grão de trigo, depois deixam-no ficar, e erram de todas as partes, numa desordem febril, numa confusão inexplicável.

Tal era em Lourdes a multidão de habitantes e de estrangeiros, no espanto em que os lançavam as maravilhas sobrehumanas que lhes chegavam do céu. Tal é sempre além disso, o mundo natural, quando é visitado de repente por algum fato do mundo sobrenatural.

Pouco a pouco todavia consegue restabelecer-se a ordem no formigueiro perturbado.

Foi nesse momento que se produziram os primeiros milagres, pelo uso da água da Gruta e a invocação daquela que ali aparecia. Contá-los aqui, seria sairmos do quadro dos episódios relativos á Vidente. Enviamos, pois, o curioso desses fatos para o nosso livro intitulado *Nossa Senhora de Lourdes*, de onde toda esta primeira parte é extraída, assim como todos os que quiserem conhecer detalhadamente essas curas sobrenaturais, após as quais aumentou extraordinariamente em proporções a afluência popular.

Continuemos a narração acerca do que mais propriamente diz respeito á Bernadette.

Na Gruta, apesar-dêsse imenso concurso, tudo continuava a passar-se com a maior ordem. Bebia-se água, cantavam-se cânticos, orava-se.

Os soldados da guarnição, comovidos, como todo o povo desses arredores, haviam pedido ao governador da fortaleza a permissão de também irem ás Rochas Massabielle. Com o intuito de disciplina desenvolvido nêles, pelo regimen militar, vigiavam para evitar apertões, para deixar livres certas passagens perigosas do rio Gave; empregavam-se de um e de outro lado, tomando expontaneamente uma certa autoridade, que ninguém, com razão, pensava em contestar-lhes.

— 29 —

MENSAGEIRO N. S. MENINA

Alguns dias assim se passaram, durante os quais a Aparição se manifestou, sem nova particularidade, exceto a Fonte que crescia sempre e cujas curas miraculosas se multiplicavam cada vez mais. No campo do livre pensamento houve um momento de verdadeiro espanto. Os fatos tornavam-se tão numerosos, tão averiguados, tão patentes, que a cada instante havia deserções entre os incrédulos. Os melhores e os mais inteligentes deixavam-se ganhar pela evidência. Todavia ainda existia um resto de espírito que a si próprios se chamavam fortes, e cuja força consistia em resistir contra as provas e a recusar crer na evidência. Pareceria isso impossível, si todo o universo não soubesse que uma grande parte do povo judaico resistiu aos próprios milagres de Jesus Cristo e dos Apóstolos, e que foram necessários quatro séculos de prodígios para abrirem completamente os olhos ao mundo pagão.

No dia 2 de Março, voltou novamente Bernadette junto do Pároco de Lourdes e falou-lhe segunda vez em nome da Aparição.

— *Ela quer que se construa uma Capela e que se façam procissões na Gruta* — declarou a criança.

Os fatos tinham-se sucedido, sem interrupção, a Fonte tinha jorrado, as curas haviam-se efetuado, os milagres vieram testemunhar em nome de Deus a veracidade de Bernadette. O sacerdote não podia pedir mais provas e não as pediu. A sua convicção estava formada. A dúvida já não podia existir.

A "Senhora" invisível da Gruta nunca dissera o seu nome, mas o homem de Deus havia-a reconhecido pelos seus benefícios maternos e talvez já houvesse acrescentado às suas ladainhas e orações "Nossa Senhora de Lourdes, rogai por nós".

Todavia, a-pesar-do-secreto entusiasmo que sentia no coração, à vista destas grandes coisas, havia por uma rara prudência, sabido subordinar a expressão prematura dos sentimentos profundos e meigos de que estava possuído ao pensamento de que a Rainha do Céu descera entre o humilde rebanho dos seus paroquianos, e tinha mantido para com o seu clero a proibição formal de ir à Gruta.

— *Eu creio em ti*, disse elle à Bernadette, desta segunda vez. Mas o que me pedes em nome da Aparição não depende de mim. Isso depende do Senhor Bispo, a quem já informei do que se passava. Hoje mesmo vou falar-lhe, para lhe participar este novo pedido. Dêle só, é que depende tudo...

A despeito da hostilidade inquieta e teimosa do mundo oficial, havia-se propagado por todos os distritos circunvizinhos a fama destes fatos maravilhosos, com uma rapidez eléctrica.

Toda a Bigorre e todo o Béarn, já agitados pelos primeiros boatos da Aparição, tinham sido profundamente comovidos ante a notícia da nova Fonte e das curas miraculosas. Todos os caminhos do departamento estavam cobertos de viajantes, que corriam a toda a pressa. A todo o instante, de todos os lados, por todos os caminhos, por todos os atalhos que iam dar a Lourdes, chegavam carros de toda a espécie, caleches, carretas, char-à-banes, cavaleiros, peões.

A própria noite não afrouxava este movimento. Os habitantes da montanha desciam à luz das estrélas para estarem na Gruta logo ao amanhecer.

Os viajantes precedentemente chegados haviam pela maior parte, ficado em Lourdes, não querendo perder essas cenas extraordinárias, como há séculos não se tinham visto e como, talvez, se não vissem mais. Os hotéis, as estalagens e as casas particulares regorgitavam de gente. Era quasi impossível poder-se albergar mais ninguém que depois chegasse. Muita gente passara a noite em orações, diante da Gruta iluminada, afim de estar no dia seguinte mais perto da Vidente.

Quinta-feira, 4 de Março, era o último dia da Quinzena.

Quando a aurora começou a branquear o horizonte, uma multidão ainda mais prodigiosa, do que as precedentes, inundava a imediações da Gruta.

Um pintor como Rafael ou Miguel Ângelo teria tirado d'este espectáculo vivo o assunto de um quadro admirável.

Aqui via-se curvado pelos anos e venerável como um patriarca, um velho montanhês, apoiando-se com as mãos trémulas a seu enorme pau ferrado. Em volta d'ele comprimia-se toda a família, desde a avó também encarquilhada até ao neto quem se punha em bicos de pés para ver melhor. Com as mãos erguidas com fervor, belas, meigas e graves, como as virgens esplêndidas do campo romano, as montanhesas oravam isoladamente ou em grupos. Muitas delas faziam correr entre os dedos as pérolas rústicas do seu rosário. Algumas liam em silêncio nos seus livros de missa. Outras, levando à cabeça uma bilha para a encher da água milagrosa, recordavam as figuras bíblicas de Rebeca ou de Raquel.

Ali via-se o camponês do Gers com a cabeça redonda e forte, o seu pescoço taurino, com o corpo envolto em amplo capote. A seu lado perfilava-se a cabeça fina de Bearnez, que os inumeráveis retratos de Henrique IV tão populares tornaram.

De estatura mediana, mas parecendo altos, tão maravilhosamente direitos são, os Bascos com o peito saliente, os ombros um pouco altos, e os membros ágeis, olhavam numa absoluta imobilidade e pareciam colocados no solo, como estátuas. A sua longa fronte, o seu rosto magro e ossudo, cortado no angulo de um V, com toda a pureza do seu tipo característico, indicavam a pureza primordial desta raça a mais antiga do país dos Gauleses.

Apresentando formas menos rudes, mas também menos acentuadas, mais polidas e mais distintas segundo uns, mais vulgares segundo outros, homens do mundo de todas as profissões, magistrados, negociantes, tabeliães, advogados, empregados, médicos, tudo aí se amontoava, *pêle-mêle*, fazendo parte da grande multidão admiradora.

As senhoras de chapéu ou de véu, com as mãos metidas nos regalos, sentiam-se, a-pesar das precauções tomadas contra o frio, penetradas do ar glacial da manhã. A todo o instante mudavam de lugar e agitavam-se para se aquecerem.

Impassíveis e dignos, de pé, e envoltos nos seus grandes capotes, viam-se aqui e ali, alguns espanhóis, eperando com uma tranquilidade escultural. Olhavam para a Gruta e oravam. Um incidente, uma ondulação da multidão tiravam-nos forçadamente da sua contemplação, mas apenas voltavam a cabeça. Passeavam por um instante sobre a chama negra do seu olhar e continuavam a orar.

(Continúa)

DR. SANTOS LIMA

MÉDICO E DENTISTA



Muitas doenças dependem exclusivamente do mau estado de sua bôca, consulte o especialista Dr. SANTOS LIMA — Rua S. José, 85

Sala 210 — Tel. 42-2179

Da Capela de N. S. Menina

A Capela de N. S. Menina é na residência de Dom Carlos Duarte Costa, Bispo Titular de Maura.

Rua Oto de Alencar, 20. Fone: 28-7823.

Todos os dias, inclusive os domingos, Missa, às 7 horas.

Todos os sábados, terço, ladainha, bênção do Santíssimo e de Nossa Senhora, às 8 horas da noite.

Na véspera da primeira sexta-feira de cada mês, terço, ladainha, Hora Santa, terminando com a bênção do Santíssimo, às 8 horas da noite.

Nos domingos, dias santos e nas primeiras sexta-feiras de cada mês, a bênção é em seguida à Missa.

No dia 8 de cada mês, às 7 hs. — Missa pelos benfeitores vivos e defuntos, em seguida a bênção do Santíssimo.

Mensageiro de N. S. Menina

Registrado no D.I.P. sob o número 10.584

Administração

CAPELA DE N. S. MENINA

Redação:

Rua Oto de Alencar, 20 — Fone 28-7823

Escritório:

Rua da Constituição, 10 - 1.º — Fone 22-7368
— Rio de Janeiro —

Sucursal-S. Paulo

Rua Libero Badaró, 314 - 3.º - Sala 3

Fone: 3.3855

Proprietário e Diretor:

Dom Carlos Duarte Costa (Bispo de Maura)
Revista Mensal Ilustrada, de caráter católico,
educativo e social, inspirada na devoção de
"NOSSA SENHORA MENINA"

ASSINATURAS:

Capital Federal (12 números)	20\$000
Nos Estados (12 números)	30\$000
Número avulso	2\$000
Número atrasado	4\$000

